

contos ucranianos



a canoa

A C A N O A N O M A R

Capa:
ANNA MARIA MURICY

Diagramação:
CILEIDA DE CAMPOS FERNANDES

Companhia Brasileira de Artes Gráficas
Rio de Janeiro, GB — 1972

A CANOA NO MAR

Contos Ucrânicos

Tradução: WIRA SELANSKI

Colaboração: ANNA MARIA MURICY
HELENA E. FERNANDES

“Quando abri o envelope que o correio me entregara, dele saiu tumultuosa, estrupidamente, uma festiva e garbosa cavalgada e, ganhando os ares, como as walkírias, numa névoa de sonho...” Era a Dança das Centauras, de Francisca Júlia, que Coelho Neto via surdir dum prosáico envelope; era a eterna magia da criação de arte, o milagre sempre renovado da irrupção da vida na massa plástica, sob os dedos do mágico.

Esta breve antologia, que Wira Selanski generosamente oferece ao Brasil, evoca, numa visão colorida de púrpuras, de ouro, de sangue, de mares selvagens e de imensas planuras, um cosmo irrevelado de humanidade dolorosa, de amor e de ferocidade infinitos. Não se trata de uma dessas seletas de hábil fabricação, mercê de algum gosto e de alguma ilustração, mas de verdadeiro depoimento, dum ato de oblação de toda uma raça esmagada, triturada, explorada até nos seus nervos, nas suas vivências essenciais. É a magoada voz da Ucrânia que se faz ouvir neste punhado de histórias. Tanto celebraram os românticos do mundo inteiro as des-

ditas da Polônia, e os nossos poetas da época lhes fizeram coro. Entretanto à Polônia nunca lhe foram arrebatados os seus artistas representativos; mas isso se fêz com a Ucrânia, que se tentou despojar do seu feitio próprio perante as vistas de um mundo indiferente; intentada até a sua descaracterização espiritual debaixo do apocalíptico rolo compressor totalitário.

Estas histórias restituem a sua autêntica fisionomia àquele magma de mais de 45 milhões de almas sensibilíssimas e trágicas. Esse panorama, tão breve, é realmente de uma riqueza aturdidora. Através dele uma grande e suntuosa literatura revela indisfarçáveis facetas de beleza; é um complexo artezanato de extraordinária validade expressional. O Velhinho e São Nicolau na Coletoria são realizações perfeitas, dum resignado e tranqüilo humour. Os Filhos leva-nos a regiões alucinatórias de realidade argamassada em sofrimento fatalista. Em Na Ilha espraia-se, não uma luminosidade áurea à Lorrain, mas um inumerável matizamento de lirismo;

não uma transformação, porém a própria vida múltipla do sonho, graças à surpreendente frescura e vivacidade da expressão, que resistiu à tradução e aos riscos da adaptação (duplo caráter da apresentação deste livro). A Fome é feroz, e de uma atualidade imediata. O Caminho e a Andorinha reveste-se de expressão que se aproxima da dos modismos típicos do nosso Modernismo espetacular. A Canoa no Mar é tão vivaz como um Hemingway ou um Queffélec, em mais violento e de trágico mais subitâneo. O Desconhecido tem uma contensão verdadeiramente lapidar, de grande força. Vale por uma peça da antiga "Antologia" da Hélade. Tempestade Noturna: quase uma crônica, animada por graciosas notações ambientais. Impressiva, no seu cromatismo psicológico discreto, na sua mansidão surpreendente: Uma Pequena História Sentimental.

Conjunto cheio de vida obsidente e poderosa, este florilégio. Como tal, um ato de fé e de altivez racial malferida, cuja oferenda nossas letras devem agradecer.

ANDRADE MURICY

BOGHDÁN LEPKY (1872-1941)

Nasceu na aldeia de Kreghulets, na região de Podila. Desde muito jovem, inspirado pelo exemplo de seu pai, amante das letras, Boghdán Lepky apaixonou-se pela literatura. Foi professor secundário em Berejany, depois lente de Literatura Ucraniana na Universidade polonesa de Cracóvia; durante a Primeira Guerra Mundial ficou em Viena, lecionando num ginásio ucraniano. Depois da guerra viveu em Berlim e foi colaborador do jornal PALAVRA UCRANIANA.

Suas obras literárias foram publicadas em jornais, almanaques e coletâneas ucranianos, especialmente em OBRA e ESTRELA que saíam em Lviw, como em periódicos poloneses, alemães, tchecos, eslovacos e húngaros. Além de obras literário-históricas e traduções, escreveu seis volumes de poesias líricas, publicados de 1902 a 1915, sete coleções de novelas e pequenos contos, além de seis romances, editados de 1923 a 1941.

Suas obras caracterizam-se pela singeleza humana e piedosa.

O VELHINHO

Boghdán Lepky

— Senhor padre?

— Que é?

— É o chamado para um doente. Há um homem aí esperando.

— Diga-lhe para ir à casa do sacristão. Que abra a igreja e prepare o necessário.

A criada fechou a porta e logo se ouviram as palavras do sacerdote repetidas por ela na cozinha.

Em menos de uma hora, pela rua da igreja em direção à aldeia caminhavam duas pessoas. Perdiam-se no mar de névoa branca e mal se podiam enxergar mutuamente, enquanto os transeuntes se ajoelhavam ao ouvir a campainha, como se deve fazer quando o sacerdote passa com o Corpo de Deus.

Ali fora estava tudo coberto pela geada do outono. A lama espessa, como massa dentro de um alguidar, gelara e cintilava com seus cristais sujos que se partiam sob seus pés com um leve crepitar. O sacerdote sentiu frio e apressou-se. O sacristão

seguiu-o, tocando a campainha de quatro em quatro passos. Caminhavam assim por uma longa rua até que, atrás da escola, pararam perto do poço.

— É aqui! — disse o sacristão.

— Aqui? — indagou o sacerdote abrindo o portão. Admirou-se por encontrar o pátio em completo silêncio. Ninguém lhes ia ao encontro, não estavam ali os vizinhos, os parentes, as curandeiras ou médicos.

— Será que não é aqui? — perguntou o sacerdote ao sacristão.

— É aqui, sim! O velho Skreghota está doente. Eu sei!

— Se é assim, então, entremos! — E eles penetraram na casa. Tudo era silêncio. Oco, vazio. Só a cama estava desarrumada, o doente, porém, desaparecera.

— Hei! Há alguém aqui? — chamou o sacristão, percorrendo a cozinha, a despensa, o quarto. Ninguém respondeu. Só galinhas cacarejavam no sótão.

— Que remédio! Vamos esperar...

Sentaram-se no banco, esperando. O sol começou a brilhar e a névoa se levantou à altura de um homem. De repente ouviram, no pátio, uma voz:

— Chô!... Chô!...

Foram para a soleira da porta. Um velhinho de pés descalços, com cabelo liso, corria atrás de leitõesinhos bem nutridos, tentando forçá-los a entrar no chiqueiro. Os porquinhos, no entanto, como que a zombar do velhinho fraco e trôpego, corriam por todo o pátio e tentavam penetrar no jardim,

apenas protegido pela cerca de pouca altura, com uma portinhola de galhos secos.

— Chô!... Chô!... — gritava o velho agitando as pernas magras. — P'ro chiqueiro, seus feiosos, p'ro chiqueiro!

O sacerdote ficou a olhar durante alguns instantes e começou a impacientar-se:

— O que andam a inventar! — Mandam-me chamar, não se sabe para quê. Quem é que está doente aqui?

O velho olhou o sacerdote e sacudiu a cabeça.

— Sou eu, senhor pai espiritual. Eu estou morrendo.

Isto era demais para o padre.

— Estás zombando de mim, por acaso? Estás morrendo, mas corres atrás dos porcos pelo terreiro?

— Por que não, meu pai? Uma vez que escaparam do chiqueiro, preciso apanhá-los, senão irão para a horta, depois para o vizinho... Chô!...

Ninguém sabe quanto tempo demoraria essa caçada se não fosse o sacristão. Ele colocou a campainha e a lanterna vermelha na soleira e foi ajudar o velho.

Os porcos, vendo chegar um reforço de tal importância, voltaram logo para o chiqueiro.

O velhinho ralhou com eles ainda uma vez e fechou a porta com uma tranca de pau. Só então aproximou-se do sacerdote, inclinou-se e disse:

— Desculpai-me, meu pai espiritual. Não vos aborreçais comigo. Que podia eu fazer? Fugiram e precisei levá-los para o chiqueiro.

O sacerdote abrandou-se. Não sabia zangar-se, pois tinha um coração bom e sensível. Além disso, não havia motivo para zanga.

— Não me aborreço, — disse com bondade, — mas é uma falta de consciência incomodar-me sem necessidade. Estás bom e poderias ir tu mesmo, no domingo, confessar-te na igreja.

— Meu Deusinho amado! Como? No domingo? Impossível! Nem sei se agüento até o meio-dia! Mal pude esperar-vos. Deus é testemunha de que quase não agüentei!

— Está mesmo com jeito disso — pensou o sacerdote, entrando em casa.

O velho entrou na despensa para mudar de roupa. Após alguns minutos saiu limpo e penteado. O sacerdote não se apressava, pois não via necessidade. Queria conversar com o velhinho que estava moribundo, mas que corria pelo pátio atrás dos porcos.

— Estás doente há muito tempo? — perguntou o padre, sentando-se num banquinho.

— Oh! Sim! Há bastante tempo. Quêr dizer, doer não me dói nada, mas a força se vai embora. Não a sinto mais nos ossos. E o peito está esfriando. É claro que é a morte.

— Mas como é isso? Não há ninguém contigo? Vives só, como um eremita? Um homem sã ficaria com tédio, quanto mais um doente.

— Não estou só, não, senhor padre! Tenho filhos, bons filhos. Seria pecado negá-lo!

— Bons, mas nem cuidam do velho!

— Cuidam, meu pai espiritual, cuidam. Como não! Nenhum queria sair de casa hoje... Cerca-

ram-me chorando, mas eu lhes disse: “Para que chorar? Vai cada um para o serviço. Não se preocupem, ninguém me vai roubar. Se tenho de morrer, morro sem vocês. Ghryghory, — disse eu ao mais velho, — vai a Zmeyna, é mister semear, porque depois haverá o enterro e vai se perder tempo novamente, e as geadas estão ficando cada vez mais freqüentes. E tu — disse eu a minha filha mais velha—vai à cidade comprar o que for necessário. Sabes que na hora os nossos judeus cobram duas vezes mais caro.” — Mandeí a nora até à aldeia vizinha para avisar os parentes, e o meu genro foi a vossa casa, meu padre, além de que precisa tratar com os meus carpinteiros. Assim estava eu deitado sozinho, quando ouvi os porcos que se escaparam. Precisava prendê-los. Levantei-me de qualquer jeito e, graças a Deus, prendi-os. Não vos aborreçais comigo, meu pai espiritual, pois estou muito doente, mesmo.

Inclinou-se de novo, confirmando sua doença.

— Não sentes aborrecimento por ficares só? — perguntou o sacerdote.

— Nem medo? — acrescentou o sacristão.

— Ter medo de que? Não matei ninguém, não amarguei a vida de ninguém, não roubei! Vivi os meus dias, e agora é tempo de ir embora. Sou como um trabalhador que, terminado seu serviço, volta para casa. Por ventura não é chegada a minha hora? Já é o segundo mês que, para dizer a verdade, não valho o pão que como. As forças fugiram, não sei para onde. Não posso fazer mais coisa alguma, e comer o pão dos filhos sem merecer não é bom: não passa pela garganta. Graças a Deus o fim chegou.

Para que ter medo? De meus filhos eu fiz uns homens. Dei-lhes enxoval, dei-lhes sabedoria. Que mais precisam? Não há de que ter medo.

— Podemos começar — disse o sacerdote, comovido com as palavras do velho.

— Comecemos em nome de Deus, — respondeu o velhinho e benzeu-se três vezes.

*

O sacerdote voltou para casa e mal se sentara para o almoço, quando no campanário o sino pôs-se a dobrar: bam, bam, bam!...

O velho Skreghota estava morto.

MARKÓ TCHEREMCHYNA (1874-1927)

Nasceu na aldeia de Kobaky, na Galícia. Seu pai era chantre da igreja uniata. Tcheremchyna terminou o ginásio em Kolomeya, depois cursou a Faculdade de Direito de Viena. Exerceu a profissão de advogado, dedicando-se ao mesmo tempo à literatura. Seu primeiro conto, "O Balseiro", foi publicado em 1896 no jornal BUCOVYNA, em Tcherniwtsí. Seguiu-se uma coletânea de contos, em 1901, sob o título de MARCAS NA MADEIRA. A segunda guerra mundial forneceu-lhe temas para dois volumes de contos: A ALDEIA MORRE (1925) e VERKHOVYNA (1929).

Seu estilo é florido, com abundante adjetivação, adaptando-se ao linguajar característico dos camponeses do Oeste da Ucrânia. Apesar de escrever muitas cenas trágicas, o escritor destaca-se por um otimismo invencível.

SÃO NICOLAU NA COLETORIA

Markó Tcheremchyna

- Psst! Já vem chegando!
- Onde?
- À nossa casa!
- Onde está agora?
- Psst! Já está na passagem da cerca de Preymák. Vassyl! Dá um pulo ainda ao sótão.
- Para quê?
- Cobre a roupa com um saco de estopa e põe uma pedra em cima da tábua.
- Isso eu já fiz!
- Tira então o casaquinho, senão ele vai tomá-lo.
- Isso não, que eu vou fugir!
- A mãe já escondeu o avental?
- Já!
- E a cova como está?
- Cobri-a com cinzas. Não vai descobri-la.
- Pai!
- O que é?
- Dá-me aqui teu chapéu!
- Aqui está! Foge!

Por detrás da cerca de vime trançado surgiu um sujeito vestido com um terno preto. A cabeça trazia um boné orlado por um cordão amarelo e negro, ostentando na frente um botão que ultrapassava a copa chata do boné. Debaixo do braço esquerdo levava um comprido livro e, na mão direita, um bastão. Dois homens o acompanhavam. Um deles carregava um embrulho cheio de roupas, vestes de camponeses. O outro vinha com as mãos vazias.

— Kurylo Siwtchúk está em casa?

Silêncio.

— Kurylo Siwtchúk está em casa? — repetiu o homem com voz mais forte.

— Estou sim! Peço mercê a Deus e a Vossa Senhora! — respondeu da cabana baixa e quase sem janela uma voz rouca e abafada.

Logo após, a porta enegrecida pela fuligem rangeu, dando passagem a um homem de estatura mediana. O rosto era magro e enrugado, a cabeça um ninho de cabelos emaranhados, o peito de costelas salientes que a camisa escura e remendada não conseguia esconder. Calças de lã grossa, poídas, e os pés ossudos, descalços, falavam por ele, revelavam o que era. Não precisava de apresentações. Anos de miséria haviam composto sua figura e nela haviam gravado em letras espessas: camponês.

— Estou em casa, sim! Peço perdão a Deus e... — repetia, curvando-se, Kurylo Siwtchúk.

— Por que não respondes quando te chamam? — perguntou zangado o homenzinho.

— Estou em casa, como não! Peço perdão...

— Viemos confiscar as tuas coisas por falta de pagamento de impostos.

— Que se há de fazer, senhor meirinho?

— Tens gado?

— Gadinho? Deus é que o tem, peço-lhe mercê. Há tempo que não comemos gordura.

— O que tens de corredor?

— Corredor? Qual! Não há corredores, senhor! Só existem quatro paredes, mais nada! Vivemos na pobreza, muito nobre, digno e bondoso senhorzinho.

— Mentos! Guarda, vamos entrar!

— Por acaso eu estou impedindo a entrada, bondoso senhor?

O meirinho empurrou com a bengala a porta que estava entreaberta. Esta rangeu e abriu-se até encostar na parede. Ele curvou-se e passou pela soleira. Atrás dele entrou o beleguim e, por último, Siwtchúk. O outro beleguim permaneceu fora com seu pacote, preparando os cordões para o novo embrulho.

— Onde estão as tuas coisas? — perguntou o meirinho aborrecido.

— Vivemos pobremente, ilustre e bondoso senhorzinho. Quatro paredes. e o resto, vós mesmo podeis ver. Deus lhe dê felicidade.

— Não estou vendo nada!

— Ai! Não há mesmo nada para os olhos dos senhores verem. Só miséria e piolhos.

— É sua companheira?

— É minha mulher, com vossa licença, meu senhor.

Kurylykha Siwtchutchka, a mulher de Kurylo Siwtchúk, que até então se mantivera silenciosa e

que estava vestida com uma camisa preta, adiantou-se um passo em direção ao marido e fitou de soslaio o meirinho nos olhos.

— Nada temos, fino e bom senhorzinho. Eu nem tenho mais avental.

— Não temos nada, mesmo. Só nos resta morrer! — acrescentou Siwtchúk.

— Onde é que dormem?

— Com o respeito devido à vossa honrada cabeça, às imagens sagradas e a nós que somos batizados, digo-vos que dormimos no chão e os filhos dormem em cima do banco

— Dormem em cima do que?

— No chão mesmo.

— Onde estão os travesseiros?

— Ai! Os travesseiros, Deus é que os tem. Nós dormimos sobre os braços.

— Estás mentindo!

— Só há o que os olhos vêem. Eu não estou impedindo ninguém de procurar.

O meirinho deu uma volta pela casa em rápidas passadas, batendo com a bengala neste e naquele canto. Percebeu que dali não levaria coisa alguma. Ao longo da parede da frente estava o “banco”, uma tábua comprida sustentada por três pés de madeira. Junto à parede vizinha uma tábua mais curta, assentada sobre dois pés, eis a “mesa”. No centro da casa havia uma escavação onde se fazia o fogo, toda coberta de cinzas. Era o “fogão”. Ele via tudo isso muito bem, mas como de hábito, fazia sua busca. Após um minuto, seu olhar fixou-se na parede junto à qual se encontrava a “mesa”. Ali se achava um quadro. O fundo era de um negro esfu-

maçado, e somente umas manchas amarelo escuras lembravam vagamente a face e a cabeça aureolada de um santo. Apenas a moldura, que parecia ter nascido sob o cinzel artístico de um ghutsulo, lhe dava dignidade e atraía o olhar. Siwtchúk viu que o senhor fitava o quadro e coçou a cabeça.

— É uma palhaçada, — murmurou consigo o meirinho.

— Não, não é Palânia, é São Nicolau.

— Mas a moldura é bonita. De onde te veio?

— Foi meu avô quem a fez.

— Guarda! Tire o quadro da parede!

— Mas, como senhorzinho? Pelas divinas chagas, tende piedade! Deixai-nos o santo! — implorava Kurylo.

— Pelas divinas chagas, tende piedade, belo e fidalgo senhor meirinho, nosso muito querido comissário! — lamentava-se a mulher de Kurylo.

O guarda não esperou. Tirou o quadro da parede e levou-o para fora. Só a poeira se levantou e um retângulo coberto de teias de aranha restou lá onde existira o quadro.

— Como! Então vamos ficar sem imagem na casa? Peço-vos, ilustre senhor! — queixava-se Kurylo.

— Não permitais que nossa casa se torne assim indigna! — A mulher de Kurylo chorava alto.

— Não adianta conversa fiada! Se não pagares o imposto, a casa também irá a leilão! A lei é a lei! — vociferou o meirinho saindo.

— Guarda! Vamos agora para a casa de Ghryghory Sain!

E lá se foram.

Já estava bastante escuro quando a mulher de Kurylo Siwtchúk começou a desenterrar da cova no meio da casa, com a ajuda da filhinha Anytchka, as louças: dois potes de barro, cinco colheres de pau, uns poucos pratos avermelhados, juntamente com a panela de cangica. Kurylo rolou a pedra de cima da tábua apodrecida no teto e retirou do fundo do sótão as roupas, entregando-as a Vassyl e a Petryk que as levaram correndo para casa.

— É tudo, Vassyl? — perguntou o pai ao filho, a quem ia entregando os “postoly”¹, com os panos para envolver os pés.

— É tudo, paizinho! Aqui está o teu “sardák”² e a camisa. o casaquinho de peles da mãe. sua saia e a camisa. nossos casaquinhos e camisinhas, os dois panos de lã listrados, o saquinho de farinha, o barrilzinho de pepinos, o lenço de Anytchka e os seus “postoly”.

— Vai buscar água para a cangica. Eu vou partir lenha com Petryk.

— Está bem, paizinho!

Enquanto o rico Preymák ordenhava suas seis ovelhas e carregava no balde a nata para casa. seus vizinhos. os Siwtchúk. sentados à “mesa”, terminavam de tomar a cangica quente com um prato de pepinos azedos. No centro da casa, as brasas se extinguíam na sua cova.

1) “Postoly”: sapatos do traje ghutsulo.

2) “Sardák”: casaço feito de lã.

— Mãe, eu quero dormir. Reza comigo o Pai Nosso! — pediu Anytchka que após comer ficara cochilando junto à mesa.

— Ajoelha-te e junta as mãozinhas.

Anytchka ajoelhou-se juntando as mãos e er-
gueu os olhos para o lugar onde o quadro estivera.
Lá estava a parede vazia. Correu os olhos por todas
as paredes; não o encontrando, fitou sua mãe in-
terrogativamente e disse com mágua:

— Mãe, onde está São Nicolau?

Vassylko e Petryk olharam para a parede e
exclamaram, também:

— Paizinho, mamãe, onde está São Nicolau?

Kurylo sentiu-se deprimido. Olhou para a mu-
lher, e esta o fitou em silêncio. Ele suspirou pro-
fundamente e ambos responderam aos filhos a um
só tempo:

— São Nicolau está na coletoria.

— O “merinho” levou?

— Pois é, coitadinhos! São Nicolau está na co-
letoria.

VASSYL STEFANYK (1871-1936)

Filho de camponeses, nasceu na aldeia de Russiw, na Galícia. Tendo concluído o curso secundário, matriculou-se na Faculdade de Medicina de Cracóvia. Em lugar de dedicar-se, porém, às matérias próprias ao estudo que fazia, entusiasmou-se pela literatura, sonhando ser escritor e tornar-se defensor da pobre classe rural. Em 1900 interrompeu os estudos de medicina e dedicou-se à agricultura e às atividades político-sociais: de 1908 a 1918 foi deputado pela Galícia no parlamento austríaco.

Autor das coletâneas: CAMINHO (1901), FOLHAS DE BORDO (1904), MINHAS PALAVRAS (1905), CONTOS (1905), e TERRA (1926).

Sua linguagem é intensa, chegando a ser violenta criando imagens de grande força e de estranha beleza. O escritor se revela psicólogo da aldeia no Oeste da Ucrânia com seus habitantes omitidos pelo destino. Suas histórias apresentam quadros de morte ou da sua espera torturante, na miséria e na solidão mais profunda.

Stefanyk escreveu no dialeto da sua província.

OS FILHOS

Vassyl Stefanyk

O velho Maksym semeava o trigo dourado com o auxílio de cavalos novos e vigorosos. As grades voavam por cima da terra, leves como pena. Maksym atirou o chapéu ao chão, a camisa abriu-se e escorregou pelas costas. Uma nuvem de pó levantou-se das grades e cobriu-lhe os cabelos grisalhos da cabeça e do peito. Ele gritava, enfurecia-se, e as gentes dos campos vizinhos diziam consigo:

— O cão velho anda sempre brabo, mas ainda segura bem os seus cavalos novos. E rico, foi bem alimentado em criança, mas desde que perdeu os dois filhos, está sempre a gritar no campo e na aldeia.

Maksym susteve os cavalos.

— Os velhos ossos são como salgueiros velhos: bons para servir como lenha, mas não para correr com os cavalos. Pernas que se dobram quando estão junto dos cavalos e se enfraquecem na dança,

já nem digo o que valem pernas assim! Vai velho, trepa em cima do forno ¹! Teu tempo já chegou.

Sacudiu a cabeça grisalha sobre os crinas negras dos cavalos e continuou a gritar:

— Ainda posso subir ao forno, mas o forno agora está frio e todo descascado. Os quadros nas paredes ficaram escurecidos, e os santos olham a casa vazia como cachorros famintos. A velha levava a vida inteira enfeitando-os com pervinca e mangericão-cheiroso, pintava de dourado os pom-bos diante deles para que fossem generosos, para que a casa fosse luminosa, para que os filhos crescessem. Embora sejam tantos, não valem nada, esses santos todos! Não tenho mais filhos, já enterrei a velha, e vós santos, desculpai a falta de pervinca. Devieis ter cuidado melhor... Hei! tu, Estrela-na-Testa, enquanto durar o tempo que Deus nos marcou, trabalhemos esta terra!

E andavam de um para o outro extremo do campo, cobertos de pó. As grades mordiam a terra, rasgavam-na, preparando um leito macio para as sementes.

— Descalço, tu não és um cavalo, és um cão. Mordeste as minhas costas, mordida sobre mordida. Não me arrastes assim, pelo menos tu, pois a vida me arrastou tanto que mal me agüento nas pernas. De manhã, ainda em jejum, derramo centeio para ti, escovo-te, rego-te com as minhas velhas lágrimas, e tu me mordes! Estrela-na-Testa é o meu

1) Nas aldeias ucranianas, os velhos e as crianças costumam dormir em cima de fornos grandes, especialmente no tempo de inverno.

homem. Acompanha-me com os seus olhos pretos, tem pena de mim, enxuga com suas crinas as lágrimas do velho, mas tu, patife, não tens coração! Ainda há pouco arrancaste-me um punhado de cabelos e o atiraste no estrume a teus pés! Não se faz assim, pois embora sejas um cavalo bonito, és um malvado. Não posso vender-te aos judeus, mas se São Jorge passasse por aqui, Deus é testemunha que te daria a ele para ires combater dragões. Tu não és capaz de trabalhar na terra, tu não és manso!

Punha saliva nos dedos e esfregava as feridas das costas, cobrindo-as com pó.

— Hei, cavalos, vamos, vamos!...

E as grades acalmavam-se, a terra cedia, despedaçava-se, os pés de Maksym sentiam uma maciez, aquela maciez que muito poucas vezes visita a alma do campônio; a terra lhe dá esta doçura, e é por isso que ele a ama tanto.

E quando ele atirava punhados de grãos, ia falando baixinho:

— Eu te preparei um bercinho macio, cresce até o céu.

Maksym acalmou-se. Já não gritava mais. De súbito fez parar os cavalos:

— Por que diabo dóis tanto, velho pau? Todas as tuas juntas estão rangendo, seu cajado torto.

Olhou para trás e, notando junto às grades um longo filete de sangue rubro, sentou-se.

— Vidro entrou, safado! Arrasta-te agora, pois não hás de deixar o campo por terminar, mesmo que caias aos pedaços! Pobre campo, pouco aproveitarás deste sangue velho; sangue velho é

como estrume velho: não produz nada. Eu perco, e tu nada lucras com isso.

Mancando, desatrelou os cavalos e os foi guiando até a carroça, pondo feno à sua frente.

— Sol, não te zangues com o velho que antes da hora faz como se fosse meio-dia. Mas é que este velho não tem com que andar...

Tirou do bolso pão, toicinho e uma garrafa de aguardente, com a qual lavou a ferida. Rasgou depois um pedaço de manga, envolveu o pé e amarrou-o com um fio de saco.

— Agora podes doer ou parar, como quiseses, mas vais continuar de qualquer jeito.

Bebeu da aguardente, tomou o pão, mordeu-o e, enfurecido novamente, gritou:

— Isto aqui é pão? Pão igual a este só serve para pentear cavalo lazarento, pois arrancaria a pele de um cavalo bom. Aquelas sirigaitas vêm aos enxames: “Avô”, dizem, “vamos cozinhar, vamos assar, vamos lavar, mas põe o campo aqui no nosso nome”. Essas cadelas sem vergonha pensam que foi para elas que eu guardei o campo? Quando eu morrer, as florezinhas devem crescer no meu campo e dizer o Padre Nosso na intenção de minha alma.

Atirou, enfurecido, o pão longe de si, para o meio do campo.

— Os dentes até se arrepiam com estas porcarias. Maksym, vamos beber aguardente, é muito menos áspera... Ouves? Cala-te, não ladres por cima de minha cabeça! Para quem estás cantando? Para este velho cortado e mordido? Vai-te de volta para o céu! Dize a teu Deus que não me mande um passarinho tolo com sua cantoria, por-

que, se Ele é tão forte, que me mande os meus filhos. Foi por Sua vontade que fiquei sozinho na terra. Que teu Deus não zombe de mim com tuas cantigas. Vai-te embora!

Atirou um torrão de terra na cotovia, mas esta pôs-se a cantar um canto ainda mais belo, lá alto, e não quis voar de volta para Deus.

— Passarinho, tu não entendes mesmo nada, nada... Quando meu pequeno Iván corria atrás de ti para te apanhar; quando ia em busca do teu ninho pelo campo e tocava na sua flauta, então sim, fazias bem quando cantavas! Teu canto e a flauta de Iván corriam juntos, com o sol por cima, e espalhavam a voz de Deus sobre mim, sobre os arados reluzentes, sobre todo o mundo feliz. Deus passava o sol numa peneira de ouro, cobria-nos de claridade, e a terra inteira, e todos os homens resplandeciam de ouro. O sol preparava a primavera para o mundo, no seu grande algiudar.

Da gamela que ali está, tirávamos a massa fazendo as coroas de pão que eram postas diante dos músicos, e os noivos amavam-se entre as flores e iam casar-se. Na primavera o campo ondulava como um mar, como uma inundação. Então, passarinho, teu canto caía no meu coração como água impetuosa numa jarra nova... Vai-te, passarinho, para aquelas terras onde as coroas de pão ainda não foram roubadas e os filhos não foram mortos.

Levou as duas mãos à cabeça grisalha e curvou-a para a terra.

— Não tens vergonha, cabeça branca, de falar e cantar como uma velha chorona? Não adianta

mais nada neste mundo. Ó meus filhos, meus filhos! Onde estarão repousando as vossas cabeças? Não era a terra toda que eu daria, mas a minha alma, para chegar com os pés sangrando até o vosso túmulo! Senhor! Os livros dourados das igrejas mentem que tiveste um filho, mentem! Dizem que Tu ressuscitaste o Teu. Eu nem Te digo: ressuscita os meus, mas digo-Te: mostra-me os seus túmulos para que eu me deite junto deles. Tu vês o mundo inteiro, mas ficaste cego para os meus túmulos... Que a Tua cúpola azul se parta como meu coração!... Vem à casa do velho. Por acaso não os abraçaste, aos meus filhos? Não te deitaste com eles sobre lençóis brancos? Pois eles eram como carvalhos de folhagem crespada!... Traze nos braços o pequeno bastardo, não fiques envergonhada, vem! O velho atirará todas as cobertas aos teus pés, cortará do linho mais fino para as fronhas do bastardo, pois que tu andas sem grinalda e choras de mágoa!

E o velho erguia as mãos e, com elas, fazia um apelo ao mundo.

— Vem, norinha, vem ao pai. Não precisamos de padre!

Chorava em alta voz. Depois, deitou-se na terra, enxugando nela, como num lenço, as suas lágrimas e ficou todo enegrecido.

— Vem, ao menos tu, amante sem filho. Verei no teu pescoço as suas mãos, nos teus lábios avermelham os lábios dele. Dos teus olhos, como de um poço profundo, eu extrairei os seus olhos e vou guardá-los em meu coração como num cofre. Eu, como um cão, sentirei sua cabeleira na palma

de tua mão. Vem, amante, e sacode este velho! Tu ainda continuas neste mundo, mas nenhum deles aí está mais! Preparem um caminho para mim e dêem-me notícias. Derramem orvalho frio sobre os meus cabelos grisalhos, pois cada um deles me queima como um arame em brasa. Minha cabeça queima com este fogo!

Arrancava os cabelos brancos da cabeça e atirava-os ao chão.

— Cabelo branco, queima a terra que eu já não te posso mais suportar!

Exausto completamente, deitou-se na terra e ficou longo tempo assim, calado. Depois começou a contar docemente:

— Andry veio pela última vez. Ele era o meu “sábio”. — “Pai”, disse, “vamos lutar agora pela Ucrânia”.

— “Qual Ucrânia?”

Ele levantou um torrão de terra com o sabre e disse:

— “Eis aqui a Ucrânia” — e mostrou no peito o coração. “Vamos livrar nossa terra do inimigo. Dai-me” — disse — “uma camisa branca, água fresca para me lavar e adeus!”

Seu sabre brilhava tanto que fiquei ofuscado.

— “Ora, filho,” — disse eu — “ainda tenho o mais moço, o Iván. Leva-o, também. É forte. Que eu sepulte os dois aqui, nesta nossa terra, para que o inimigo não a possa arrancar com a raiz!”

— “Pois bem! Iremos nós dois, pai.”

Quando a velha ouviu isso, eu vi logo que a morte a embrulhou na sua mortalha branca. Fui até a soleira da porta, pois senti que os olhos dela

se desprendiam e rolavam como pedras mortas pelo chão. Assim me pareceu. O certo é que a luz do seu rosto se havia apagado. Os dois partiram de madrugada e a velha apoiou-se no portão sem falar e ficou olhando de tão longe, como se já fosse do céu. Quando os botei no trem, disse:

— “Andry, Iván! Não volteis atrás. Lembrai-vos de mim, pois estou só. Vossa mãe morreu lá no portão”...

Até cair a noite, Maksym guiou os cavalos pelo campo. Já não gritava mais. Ficou silencioso. As crianças que conduziam as ovelhas, os homens que dirigiam os arados perto dele, não o saudavam, cheios de temor. Sujo de lama, ele parecia pender cada vez mais para a terra.

Já era noite alta, quando Maksym acabou de cuidar dos cavalos e das vacas, tirou leite das ovelhas e entrou em casa.

— Eh! Coitada de ti, ficaste aí quieta, morta como se alguém te tivesse furado com um facão. Não podes dizer palavra, mas eu te vou acender um pouco de fogo.

Preparou mingau de milho, vestiu uma camisa limpa, jantou e aquietou-se. Depois ajoelhou-se no chão e rezou:

— Ó Mãe de Deus! Sê a minha dona de casa! Tu com teu Filho no meio, e Andry e Iván dos lados... Tu deste um filho, eu dei dois.

MYKHAILO KOTSIUBYNSKY (1864-1913)

Nasceu na cidade de Vínnytsia, filho de um funcionário público. Excluído do Seminário Maior em 1881, continuou seus estudos como autodidata, prestando exames para professor dez anos mais tarde. A partir de então, exerceu diversos cargos, de professor, redator, funcionário público etc., mas sempre suspeitado pela polícia tsarista russa, que o considerava "indivíduo de pouca confiança".

Principiou a escrever em 1884 narrativas e novelas, tornando-se romancista de primeira plana. Coletâneas: EM LAÇOS DE CHAITÁN (1899), HUMANAMENTE (1900), DUELO e CONTOS (1903), AO MUNDO PECADOR (1905), ESTRÉIA (1911).

Em suas obras, Kotsiubynsky revela-se frequentemente impressionista. Há ocasiões em que seu personagem principal é a paisagem, tal como acontece na obra INTERMEZZO (1908). Apaixonado pela vida, o autor detestava tudo o que era banal, desharmonioso e cruel. No livro AS SOMBRAS DOS ANCESTRAIS ESQUECIDOS (1911) ele recriou o mundo encantado dos Cárpatos, em toda sua beleza natural e demonologia fascinante.

O conto "NA ILHA" (1912) representa a despedida do escritor que faleceu em Tchernyghiw o ano seguinte.

NA ILHA

Mykháilo Kotsiubynsky

Mal cerro os olhos, no mesmo instante ele ficou sendo meu; o quarto desaparece. A penetrante mancha de cor violeta comprime-o, e ele põe-se a vogar sobre as ondas verdes, como a gigantesca sombra de um navio.

É assim que eu imagino a ilha onde hoje pus os pés e onde tenho de viver.

Logo em seguida, ouço o rápido bater de solas contra a pedra, aquelas solas de madeira, sonoras, que redondos calcanhares femininos fazem ressoar, como se alguém estivesse atirando nozes sobre folhas de lata: tra...ta...ta...tá...

Contra o fundo do céu vespertino passam fluando quatro mulheres, levando à cabeça cestos, como ânforas antigas... A mão direita, curva como um gancho entre a cesta e o ombro, a esquerda pendendo livremente, ora mostrando, ora escondendo a palma.

Tra...ta...ta...ta...tá..., bate na pedra a madeira das solas.

Um muro cinzento.

Junto a ele, abrindo largamente as pernas rijas, acha-se um burro. Sente um tédio tão grande como um lorde inglês que já tenha percorrido o mundo inteiro. Olhos metidos em peludos aros brancos, semelhante a óculos, e o fastio escorre por eles e desce até o focinho esbranquiçado. Talvez estejas doente, pobre animal! Em tuas orelhas trazes algodão e tua cauda esconde obedientemente o trazeiro cortado.

Na praça ainda alvejam as colunas, e silhuetas negras, curvando-se sobre o mar, recortam-se contra a linha de fogos napolitanos.

Tra...ta...ta...tá...

Na torre o relógio soa duas vezes, timidamente, e depois eu conto seis badaladas graves e sonoras.

As ruas ficam desertas, apagam-se as lojas fechando os olhos: portas e janelas. A ilha fica cega.

O mar, lá embaixo, murmura.

Aparece de novo um burrinho. De certo é o último. Bem longe ainda, suas orelhas se agitam como palmeiras ao vento. Encheu a rua com o trovejar das rodas enormes, passou a correr ao meu lado e o reencontro como a um velho conhecido: os óculos, o ar enfasiado, o focinho, a barriga de um branco acinzentado e o trazeiro desajeitadamente cortado, com a cauda bem ajustada por cima.

Agora, eu caminho solitário por entre as casas como num corredor. Duas paredes como guardas de honra deixam-me ir, caladas, para a frente. Sobre minha cabeça brilha às vezes um lampião. Não, não estou só! Minha sombra é minha escrava.

Deitou-se sob meus pés e mostra-me o caminho. De súbito, põe-se a correr para trás e, agarrando-se a mim, arrasta-se humildemente sobre as pedras por entre as duas paredes emudecidas...

Tra...ta...ta...tá... Caem nozes espalhando suas vozes sonoras sobre a dura pedra. Mas onde caem? Na frente, atrás ou acima de mim? Não sei.

*

Acordo numa agitação estranha e sento-me na cama. Sei que já é noite agora, mas o que terá acontecido? O telefone toca forte, insistentemente. Uma desgraça talvez, algum dilúvio, um terremoto? A campainha não pára, resoa incessante com pequenos intervalos como um riso histérico, enchendo a casa toda de angústia. Levantar-me, indagar quem toca? Gritar para dentro da boca do telefone, tapá-la com um irritado "quem fala?" Não me levanto, no entanto. Ouço uns murmúrios inquietantes pela casa. Algo caminha por ela abafando gemidos. Alguma coisa que farfalha como um pedaço de papel, dá socos contra as paredes, sacode e faz tinir as vidraças. O telefone cai num ataque histérico, acelera o riso como um louco, e logo o encharca a rápida torrente do choro.

Então eu percebo! É a tempestade.

É ela que agita assim o mar e sacode os rochedos. Ela, que arrancou a ilha do seu lugar, arras-a-a pelas ondas e, hidrófoba, uiva ao telefone.

Tenho a impressão de que a cama estremeceu, moveram-se as paredes e estou a flutuar. Que fazer, então? É preciso nadar. Pois bem! Enfio a cabeça debaixo do travesseiro e adormeço.

Acordo tarde, corro despido à janela e abro-a completamente. Ah!... Apesar do sol cegar-me com seu resplendor, vejo que estamos vogando, mesmo. O oceano espuma e ferve, o vento enfuna os pinheiros como a grandes velas negras, esporeia a ilha sob elas como se fosse um navio.

O mar, de azul ameaçador, resplandece. A espuma toca-o com sua asa branca que se ergue encurvando-se e tomba trespassada pelo sol. Após ela voam uma segunda e ainda uma terceira asa. É como se estranhos pássaros enchessem o mar de repente, golpeando-o com os seus peitos vigorosos, erguendo alto as largas asas brancas.

Visto-me e saio. Qual! É impossível respirar. O vento força o ar de volta para os pulmões. Agarra as árvores pelas cabeleiras e curva-as para a terra. Ele próprio geme e gemem as árvores. Uivam em fúria os estreitos caminhos, os vinhedos e as casas. A terra balouça sob os pés como a coberta de um navio e, para não cair, seguro-me às casas. Curvado em dois, enfunado como uma vela, vejo através das pálpebras semicerradas os “passageiros” que se arrastam semelhantes a caranguejos.

— Buon giorno! — grito-lhes.

Não me ouvem. O vento colheu minha saudação e atirou-a ao mar. Ela paira sobre a espuma abatida pelas asas e brilha ao sol. Talvez eles também me houvessem saudado, mas o vento apagou-lhes o sorriso nos lábios e arremessou-o ao mar.

Na ilha-navio, que voa pelo mar com suas velas negras, tudo se curvou. Passageiros, rochedos, edifícios. Somente o sol, como um comandante, permanece alegre, bem-humorado, seguro de si mesmo.

Vogamos assim o dia inteiro à deriva, e durante toda a noite o mar uivou como um cão.

*

No dia seguinte tudo está como se nada tivesse acontecido. O mar tem um azul tão inocente por entre as paredes de rochas, e o sol brilha tão benignamente, que a pedra parece sorrir.

A terra tornou-se, de súbito, muito jovem. As pilastras dos terraços mostram os dentes ao sol e as manchas dos vinhedos cobriram de espessos padrões as douradas vestes dos jardins.

— Buon giorno!

O vinhateiro revolve a terra fecunda. Ergue-se, e seu boné vermelho destaca-se como uma flor contra o azul do mar. Do meio de galhos retorcidos, das couves e das figueiras, olhos brilhantes me fitam.

— Buon giorno, signore!

É a primeira vez que nos vemos, mas isso que importa?

O homem tirou pesadamente a pá da terra e, não tendo tempo para endireitar as costas e enxugar a testa, divide comigo sua satisfação e sua alegria. Diz-me que o tempo está magnífico, que o siroco está soprando e que se pode esperar chuva. Acrescento por meu lado que hoje, embora estejamos em pleno inverno, o ar recende à primavera. Nossos olhos, como conhecidos velhos, se fitam concordantes e amigos.

A minha frente abre-se uma estrada. O veludo verde dos muros cobertos de lodo.

Atrás de mim, a pá de novo se afunda no solo e o gorro vermelho ora curva-se saudando a terra, ora esbraseia contra o mar.

O sol vagueia por entre as incrustações de sombras. Contemplo o céu. Hoje ele está sereno, de um azul profundo, e escorre tão abundantemente que, tenho certeza, é ele que tinge o mar de anil.

Este silêncio, de onde vem? É de mim que sai ou é ele que me penetra? Não sei. Os rochedos cochilam e as negras velas dos pinheiros imobilizam-se no silêncio. Parece que todos nos dissolvemos nele. Anseio por deixar-me cair sobre as pedras e com elas abeberar-me de sol enquanto os olhos se banham no céu. Como seria bom cochilar como os terraços ou as pedregosas cestas dos vinhedos! Assemelhar-me às raízes das videiras que penetram profundamente no solo, como parafusos, para daí extrair o dourado suco com que enchem os bagos!

O sol vagueia por entre as incrustações de sombras — ouro sobre negro — e eu escuto o quieto murmúrio dos vinhedos nus e os ais com que a terra lhe responde. Vejo mãos nodosas, semelhantes às dos vinhateiros, rostos bronzeados que estão sempre à espreita para me atirar o ouro puro de sua saudação:

— Bom dia!... Bom dia!

Debruço-me sobre a cerca e sorrio para uma criança. Com a cabecinha crespada, o nariz sujo, ela deixa o sol dourar-lhe os joelhos e, enquanto chupa uma laranja, sorri para mim.

Ah! Como é bom colher sorrisos assim e devolvê-los aos outros!...

*

Amo o meu quarto. Branco como uma pétala nevada, tem um ramalhete de íris sobre a mesa e Botticelli nas paredes. Mas o que me dá a maior alegria é a janela. O dia todo o mar espia por ela. Do nascer até ao por do sol, como o olho do mar, as vidraças azulam aqui em minha casa.

Neste momento isso não acontece. Elas, que até agora estavam acostumadas a só ver a beleza do mar azul, como choram, como hoje estão de um branco turvo, inteiramente cegas! Minhas paredes, meus móveis perderam o seu brilho; os quadros de Botticelli dissolveram-se, e sobre as cataratas das janelas as lágrimas correm sem cesar.

Sinto-me inquieto. Quem pode saber a razão? Ergo-me a todo instante, caminho pela casa, sento-me de novo pesadamente. Sinto-me comprimido dentro de minhas roupas, estou pouco à vontade em minha casa. Um temor surdo bate-me no coração como se quisesse entrar. Levo tudo para cima da mesa, torno a por os livros sem necessidade numa ordem diferente e irrita-me porque não encontro o lápis. Onde estará? Apalpei a mesa, destruí papéis, misturei os livros. Quem tirou o lápis daqui? Bem sei que não preciso daquele toquinho de lápis, mas sei perfeitamente que a minha paz depende do fato de encontrá-lo.

As vidraças continuam a chorar.

Tudo o que minha mão toca está úmido, viscoso ou pegajoso. O siroco envolveu todas as coisas com seu sopro. As roupas tornaram-se pesadas, o fumo está molhado e as páginas do livro parecem ter saído de um banho de vapor. Onde estará o lápis?... Ah!... aqui este sem vergonha!... E atiro-o de tal maneira, que ele se parte.

O que se passa lá fora, além da janela? A expectativa foi atendida. Bato-me pela casa como um maribondo contra a vidraça. Sinto necessidade de ajeitar os móveis de outra maneira, arrastar o guarda-roupa, a mesa e os banquinhos, tudo de novo, de colocá-los em posições diferentes, afastar as paredes ou destruí-las completamente...

Que se passará além da janela? Não consigo abri-la inteiramente, quando o morno siroco põe sua pata úmida sobre a minha face e enche o quarto todo com seu hálito molhado. Estarei eu também com catarata, pois não consigo enxergar coisa alguma? As águas cinzentas correm abundantes do céu cinza sobre a terra cor de cinza. Elas já lavaram as cores todas. O mar, as rochas e as árvores desbotaram. O Monte Solaro com sua mancha escura flutua na distância nebulosa, e o Castellone, como uma visão, surgiu e apagou-se. Tudo se dilui lentamente: o mar, as rochas, a terra. Vindas do desconhecido e dirigindo-se para o desconhecido, apenas as celestes águas cor de cinza jorram, e o siroco arfa pesadamente.

Fecho a janela e sento-me à mesa em desespero. Diluíram-se as paredes, Botticelli dissolveu-se, e lágrimas deslisam sobre as cataratas das vidraças. Eu também anseio por dissolver-me nas sombras.

*

Ir até à cidade? Distante, ainda, revejo com prazer os paralelepípedos rosados da praça central, as paredes amarelas do funicular e a torre.

Desconhecido de todos, sento-me num banco, escuto e olho. Por entre as colunas brancas azula o mar, e a neblina arrasta-se pelo Monte Solaro acima. Lá embaixo, um trem parte para a praia com um apito fantasmagórico.

Na torre o sino tange, três vezes agudo e dez vezes grave.

Homens andam daqui para lá, de lá para cá. Algumas silhuetas negras, com os rostos opacos, trazem cravos vermelhos à lapela. Juntaram-se num magote e depois apoiaram-se em fila na balaustrada como uma fieira de corvos num fio telegráfico.

Um porteiro gordo, desengraçado como um elefante ou um paralítico, parece ter criado raízes na parede amarela. Suas mãos de toupeira repousam sobre os joelhos. Ergue-se pesadamente e carrega os banquinhos que aluga àqueles que os desejam. As pontas das palhinhas aparecem por baixo. O meu barbeiro fez deslizar para as costas o pequeno caldeirão que traz pendente ao pescoço e com o mesmo tédio de sempre observa a vitrina de aparelhos elétricos. Longo tempo fica ele assim obstinado e, como faz todo santo dia, boceja e afasta-se.

Na torre, onze horas soam.

Os magros rapazes do hotel, com debruns nos uniformes novos em folha, batem os saltos dos sapatos contra os paralelepípedos cor de rosa, enquanto o vapor não chega. O "Hotel Royal" deu um empurrão no "Hotel Pagano". O "Hotel Faraglionni" acendeu um cigarro. Apoiando-se, curvado, a uma bengala grossa, o porteiro, arrastando os pés, oferece um banquinho a alguém.

Um “dandy” pobretão apóia as costas numa coluna branca. Veste calças poidas, blusa cor de ferrugem, tudo já desbotado. Dá a impressão de ter passado longo tempo dentro de uma cova cheia de gesso. Traz um fumo na manga e do bolso sai a ponta de um lenço cor de rosa.

Soa o quarto de hora, de novo a eternidade!

Negras figuras perpassam de cá para lá.

O mar murmura.

Os flancos amarelos das charretes colocadas em fila brilham ao sol.

A névoa cinzenta galga o Monte Solaro. A vitrina atrai o barbeiro novamente. O caldeirãozinho passou para as costas e, como de costume, ele contempla teimosamente os aparelhos elétricos.

Os trabalhadores com largas blusas azuis andam daqui para ali de mãos nos bolsos. O vapor ainda não chegou. O velho porteiro tem um bocejo convulsivo como o zurrar de um burro. Seus braços curtos de toupeira repousam sobre os joelhos.

As americanas chegam. São feias, magras, as bocas muito grandes, todas vestindo casaquinhos de tricot e sandálias amarelas.

— Shall we have time before breakfast?

— Oh, yes! . . .

Os olhos frios como gelo percorrem tudo. Na “piazzza”, crianças batem num cão. Este pula e se acha de repente sob os pés de alguém.

Um navio surge entre as colunas brancas. Dois mastros nus e uma chaminé preta.

Tomadas de tédio, as pessoas se agrupam e se debruçam sobre a amurada. Parecem todas interessadas.

O fumo dos cigarros serpenteia no ar.

Na torre, o relógio soa mais uma vez.

No mar surgem para logo desaparecer ondas encapeladas que se assemelham a barcos de pesca a afundar, mergulhando no oceano com suas velas brancas.

Um policial com sua capa negra, faces azuladas e nariz vermelho, agita sonolento um chicote no ar e pela milésima vez, quem sabe, olha as mesmas casas.

Montes de figos, brancos como cabeças calvas, repousam os topetes verdes sob o toldo da barraquinha.

O porteiro com certeza criou raízes na parede amarela.

Duas moças de cabelos lisos e bustos altos passam com lenços vermelhos sobre os ombros.

O burro, acompanhado pelo barulho das rodas enormes, traz à "piazza" a carroça cheia de repolhos, e a mulher gorda bate as mãos bem espalmadas, gritando que agora só tem o peixe que ainda está dentro da água.

Lá embaixo chega um trem com um ruído que não é deste mundo, à porta surgem elegantes carabineiros com tricórnios emplumados e abundante prata nos uniformes.

O primeiro cocheiro trouxe os passageiros a toda a velocidade. Os rapazes dos hotéis atiraram-se a eles como pardais.

As carregadoras levam à cabeça malas de couro amarelo.

O carregador livre canta.

Sobre o Monte Solaro arrasta-se a bruma cinzenta.

Os cavalos das charretes batem com as ferraduras nas pedras.

O porteiro ruma alguma coisa e sua face flutua entre a papada, como se o fizesse entre as ondas.

Do outro lado da baía, o Vesúvio azul, como um pecado mortal, esmaga a costa.

As moças de bustos altos passam de volta.

Na torre soam doze horas.

As pessoas vagueiam de cá para lá, sem destino. Quem sabe para onde, para que, e tudo isso reunido parece-se com um teatrinho de marionetes, no qual o “regisseur” houvesse confundido a ordem da representação.

A vida não é assim?

Nos hotéis ressoam os gongos, chamando para a refeição. A “piazzza” lentamente vai ficando deserta. Permaneceram unicamente as lages rosadas do calçamento, as colunas que alvejam contra o mar azul.

Sobre o Monte Solaro, a neblina ergue-se devagar.

*

Passo diariamente pelo jardim solitário, abandonado. Dois ou três verdes terraços e um grupo de figueiras. Nada mais. Embaixo, as ervas ardem com uma chama interior, e acima, as copas cinzentas resplandecem de prata.

Os homens passam perto, o burro bate com os cascos na estrada, e o jardim, descuidado, esquecido, cai em ruínas. Só os viajantes fazem deslizar os

olhos pela grama não pisada, e o sol anda-lhe à volta, fazendo as sombras moverem-se. Elas deitam-se de manso, com formas tão caprichosas e retorcidas, como figueiras refletidas na água.

Apóio-me ao muro e fico horas esquecidas a contemplar as sombras que se movem sem ruído de um lugar para outro. Elas cortam o primeiro terço e lançam suas redes sobre os outros. No espaço que fica entre elas, o mato parece arder, suas formas começam a alterar-se. Ali elas cortaram um galho, lá elas se juntaram e se enrolaram à raiz num novelo negro.

Duas borboletas brancas voam, uma atrás da outra. Vieram de alguma parte e descem sobre as ervas como a florada das cerejeiras. Ora relampejam ao sol, ora acinzentam-se na sombra. Batem as pequenas asas, o macho toca a fêmea de leve e o namoro continua.

As copas prateadas têm com sua folhagem no alto.

Vou-me embora.

Sento-me na Punta Tragara e tenho a impressão de estar mergulhando no mar. Seu azul delicado penetra aos jorros em mim pelos olhos e me enche todo inteiro.

O sol dissolve os rochedos e, no horizonte, contempla a própria face no espelho do mar, acendendo as águas.

Fecho os olhos ao resplendor insuportável e sinto então que abaixo dos meus pés há algo que ruge. Ali, o mar despedaça as suas vestes azuis nos ásperos rochedos, transformando-as em farrapos brancos com que cobre a margem toda. Mesmo

através das pálpebras fechadas, eu vejo aquele brandido branco, transpassado pelo sol, assemelhando-se à caldeira infernal, onde o leite está continuamente a ferver e a transbordar.

Homens chegam e, com o estralejar de suas línguas estranhas, apagam o ruído do mar. Então eu volto.

Apóio-me ao muro de novo e, tomado por uma esquisita paz, contemplo o jardim solitário, os terços verdes, o grupo de figueiras. As sombras esticam suas articulações, estendem-se para o outro lado, e lá embaixo um novo jardim, feito de sombras, cresce assim deitado. As copas cinzentas sussurram lá em cima. Sob elas, durante todo o dia as ervas chamejam. De vez em quando, um pássaro salta de galho em galho sacudindo a cauda, limpando ocasionalmente o biquinho.

*

O velho Giuseppe está sempre a cantar. Não lhe importam nada os seus setenta anos e a boca negra, desdentada, que está sempre aberta, pronta para uma cantiga. Nas faces espetam-se os pelos grisalhos, semelhantes aos de uma escova. Na cabeça traz um gorro parecido com a cápsula de uma papoula, e os braços com as mangas arregaçadas jamais descansam. O mar ainda está adormecido, e já suas solas fazem ranger a areia da praia. Logo está martelando nas pesadas portas do depósito dos pescadores. O primeiro alvor que antecede a aurora afasta as sombras dos cantos, e o barco de flancos remendados é que lhe lança o primeiro sorriso. Depois são as redes, as cordas, a vela muito usada

e as cortiças de pesca, os anzóis e os remos que lhe sorriem. Tudo recende a sal e iodo.

Giuseppe aspira esse cheiro, passa a língua pelos lábios sempre salgados, leva para fora um pequeno balde com tinta e põe-se logo a cantar. É ele quem desperta o mar. Na verdade, em seu canto há um pouco de enxofre do Vesúvio e um pouco, também, do zurrar de um jumento, mas isso não tem importância. O mar aprecia essas coisas. Esbranquiçado ainda, como se a noite o houvesse coberto com um lençol, ele espreguiça-se de leve e, na sua moleza sonolenta, atira com ternura as primeiras ondas para a praia.

Giuseppe canta. Curvado, mistura a tinta e lança para o mar palavras aladas. Como é esplêndida a sua terra quando os vinhedos estão a florir! Quando o vento leva sobre os jardins o pólen dourado das floradas, o sol embriaga como vinho bom, e tu ainda não tens vinte anos!

Barcos de largas ancas, brancos, verdes e azuis, postos a seco na areia da praia numa fieira infinita, e os outros, com os narizes mergulhados na água, são os únicos ouvintes de Giuseppe. E ainda o mar, talvez. Este já despertou, estremeceu, ficou azul, bate sonoramente o flanco dos barcos e leva até às solas de Giuseppe a espuma chiante. Enquanto isso, este pinta o fundo do barco de azul, da cor do mar ao meio-dia. Pede emprestado às ondas o verde para a faixa da borda, e o banco, ele o faz branco como a espuma que o mar leva até seus pés.

Os pelos grisalhos, semelhantes aos de uma escova, espetam-lhe ferozmente nas faces, a praia chameja como uma papoula silvestre, e ele berra a

plenos pulmões sobre o mar inteiro, sobre a praia toda.

E depois? O que foi que aconteceu? As cerejeiras perderam as flores e agora só há os frutos. E o que mais aconteceu, depois? A amada encostou uma escada e colheu-os. Doces frutos há na cerejeira, mas as pernas da amada são mais frescas. E o que mais? A escada partiu-se, e a amada em seus braços... Ah!... Como é bom quando o sol, semelhante ao vinho, embriaga, e tu nem tens ainda vinte anos!

Giuseppe lambe os lábios salgados pelo mar, e seus braços nus até os cotovelos põem então no barco as cores que têm as tonalidades brilhantes do mar.

O sol já surgiu. As negras sombras dos barcos cobrem, espessas, a praia. As paredes pedregosas da "Marina" começam a recuperar a vida aos poucos. Por entre as arcadas do terraço aparecem pessoas ainda em trajes de dormir que se põem a estender lençóis e roupas de cama nas cordas, tendo ao fundo as paredes branqueadas de cal.

Os depósitos de pescadores, úmidos e sombrios como túmulos, são abertos, as areias rangem sob as solas, e os pescadores carregam para os barcos as pesadas redes cor de bronze que se assemelham às opulentas cabeleiras das ninfas. Há um cheiro de cordas, de peixes e iodo. O mar gorgoleja contra o barco com tanto bom humor que dá gosto ouvi-lo. Junto ao cais, o repolho é descarregado. O burro está se acabando de zurrar. Os comerciantes abrem os bares e as lojas, crianças aparecem.

— Bom dia, avô Giuseppe!

Ora, que idéia! Ele é surdo. Os braços nus com veias amarelas são banhados pelo sol. Na boca negra a cantiga enferrujada vai rangendo como se quisesse vencer o burro num concurso.

Sobre sua cabeça já aquecida eu ponho a minha mão. Interrompe então a canção no meio de uma palavra. Será que se vai esquecer de que ponto deverá recommençar?

Endireita a coluna vertebral e mostra-me a rir um dedo ferido.

O que foi que aconteceu?

Ora, ele estava ontem a pescar moréias. Jogara a isca no mar no meio das pedras, assoviando baixinho. As bandidas gostam de música. Começaram a dançar em volta da isca, abrindo as bocas. Só era preciso ficar alerta para puxar a linha em tempo, bem ligeiro. O corpo sinuoso cintilava um segundo no ar e, zás, era necessário batê-lo contra a pedra com toda força, senão ela mordida como um cão! Mas, dessa vez, ele não se cuidara bastante...

Mostra-me o dedo novamente e recommença a canção exatamente no ponto em que a havia interrompido.

Tiro dos bolsos uma garrafa de vinho, queijo e laranjas que vou pondo sobre a areia. Giuseppe, então, pára de cantar. Está ansioso por saborear destas coisas.

Fazemos uma boa merenda, sentados na areia, com o mar avançando até nossos pés, batendo contra os costados do barco.

Passam mulheres carregando pedras nas cabeças e cumprimentam o velho. Pescadores fazem deslizar para a água os barcos cheios de redes par-

das e gritam qualquer coisa para o Giuseppe, mas este derrama mais vinho para si e, semicerrando um olho, contempla contra a luz o líquido vermelho dentro do copo.

— Deus lhe dê saúde, madona! . . .

Um padre com a barba feita, trazendo um chapéu felpudo como um poodle de pelo cortado, suspende a sotaina preta, já lustrosa, à altura das canelas, para saltar por cima de uma poça. Giuseppe coloca o vinho no chão e, reverente, tira o gorro. O vento suspira de leve. Os barcos distantes têm as velas enfunadas, os remos brilham. O mar convidativo toca na praia e ressoa contra os barcos tão atraentemente!

Giuseppe põe-se a rir. Ele já sabe muito bem o que deseja.

O barco deslizou rápido pela areia molhada e ficou a balouçar-se.

— Para onde?

— Em linha reta para o sol!

O gorro parece arder, os braços desgastados pelo tempo seguram os remos que são como asas no azul. Voamos. É essa, pelo menos, a minha impressão provocada pela tonalidade anil que nos envolve: em cima, à frente, atrás e dos lados. O próprio ar é azul claro. Terei eu sido, outrora, um pássaro? Os remos nos levam como asas. O vento enfuna as leves asas das velas dos barcos que são livres como pássaros e voam ao nosso encontro em formação de aves de arribação, — não sabemos se no ar ou no céu. Sinto asas em minhas costas.

Giuseppe canta. No mar ele é senhor absoluto. Se lhe perguntarem, se nasceu de uma mulher ou

se das ondas do mar, com certeza ele precisará pensar antes de responder. O velho deu o filho e o neto ao mar mas, também, quanto colheu das suas profundezas! Quem poderia contar?... O mar fustigou-o e mordeu-o como a um rochedo da costa. Assim, ele tornou-se áspero, ficou semelhante a uma esponja, salgado como linha de pescar. Sua alma, no entanto, permaneceu azul como o mar neste instante, e seus olhos ainda guardam os raios de sol. Conhece a todos os oito ventos como se fossem irmãos seus, compreende a fala do mar e do céu, e colhe os peixes tal como o camponês colhe o trigo no campo, como se os houvesse semeado nos abismos marinhos.

Muitas vezes nós dois vogamos a pescar, fosse dia ou fosse noite. Quantas coisas ensinou-me ele! Levávamos uma vasilha cheia de pedras e de iscas e as deixávamos ficar pendentes da linha, lá no fundo. Só a cortiça ficava na superfície. Ali imediatamente aninhava-se, como se estivesse em sua casa, uma pequena fera de oito braços, um polvo, e quando era puxado da água, envolvia com seus tentáculos a mão que o segurava, sugando-a enquanto nos devorava com olho irado. Mas Giuseppe com seus tocos de dentes mordida-lhe a garganta e, zás, o fundo do barco ficava sujo daquela matéria gelatinosa, repugnante.

Pescávamos com rede, com anzóis e físgas. Apanhávamos uns diabos vermelhos, espinhentos: azuladas enguias do mar, os achatados linguados e o peixe-agulha que rebrilhava ao sol como uma foíce recém-afiada.

Quando o mar se tornava opaco, Giuseppe derramava azeite nele. Púnhamo-nos, então, a olhar

por aquela mancha amarela como por uma janela, até o fundo. Víamos as areias brancas, o misterioso ondular das plantas aquáticas, a vida dos ouriços, o arrastar preguiçoso dos caranguejos, grutas submarinas, os folguedos, o repouso e os combates dos peixes. A cada instante seus olhos reluziam com as cores do arco-íris. Semelhante a jóias cravejadas, cintilavam os torsos multicores, moviam-se as bocas sempre esfomeadas. Aquilo tudo eram as presas do Giuseppe. Nos dias em que pescava, sua refeição variava de acordo com o que apanhava. Com uma faca recurvada, sua amiga fiel, desprenhia os mariscos dos rochedos, chupava a escorregadia substância da madreperla e cerrava os olhos de puro gozo. Engolia sardinhas vivas, peixes miúdos e mordida o tentáculo de um polvo novo, apesar de este se defender e apegar-se-lhe à língua. Eram estas as suas deliciosas “frutti”. Ele encorajava-me também, mas não cheguei a esse ponto.

Agora, ele se põe a cantar. O vinho tinto corre-lhe nas veias, o gorro chameja ao sol, as mãos fundidas aos remos, que são asas, cortam as distâncias aniladas. Estamos a voar. Sob nós jaz a profundidade azul e acima de nós os espaços da mesma tonalidade se estendem. Uma ilha distante deitou-se como uma nuvem no céu. O vento fino belisca-nos as faces e enche de ar os pulmões. Voamos...

*

Ela devia ter chegado no vapor da manhã, há uma hora apenas, não mais. Senão, eu já a teria visto.

Assim pensei, só porque nossos olhos se encontraram.

Nossos olhos haviam repousado até então no mar como estranhos, distantes como duas linhas paralelas que tivessem vindo a este mundo sem a mínima esperança de um encontro.

Lá embaixo, as limeiras floresciam ao longo do mar e as laranjeiras enchiam de estrelinhas suas copas negras. O mar exalava salsugem.

Voltei-me novamente em sua direção. Um perfil fresco e mate virou-se para mim devagar e, mais uma vez, seus olhos mergulharam nos meus.

Francesa ou inglesa? Americana, certamente.

Grandes barris cobertos de poeira, cheios de cerveja alemã e trazendo etiquetas de turistas, separaram-nos. Vou pelo outro lado e ponho-me junto dela. Observo o vento azulado que agita a barra do véu contra os rochedos cinzentos, reparo na bolsa esportiva e nos cabelos dourados atrás da orelha.

Vai olhar-me ou não?

Passa uma eternidade. Ela não se move.

Na realidade, que é que temos um com o outro? Volto-me de costas e fico a observar o Monte Solaro coberto de arbustos. Seria bom ir até lá, um dia. A pé ou em lombo de burro?

Que olhos terá ela? Não consegui perceber. Será possível que não os veja? Parece-me que se mexeu e deseja ir embora.

Atiro-me por entre a multidão, demasiado apressado, e piso nos pés de alguém.

— Oh! Peço-lhe perdão!...

Abro caminho com os ombros e acho-me junto dela.

São como violetas depois da chuva! Escuros, meigos, luminosos.

Olharam-me e cerraram-se. Foi agora, neste instante mesmo, e já está tudo acabado. Vou atrás dela. Para onde for, irei eu também.

Componho uma fisionomia indiferente, como se estivesse olhando os edifícios, mas vejo unicamente o veuzinho azul, os cabelos dourados na nuca e os saltos pequeninos, aparecendo sob a saia. Olhará para trás ou não? Ao voltar-se, pára, examina uma planta qualquer e seu rosto volta-se na minha direção... Estamos novamente diante do mar e mais uma vez nossos olhos vagueiam pela imensidão azul, mas tenho a impressão de que até ali, eles podem encontrar-se.

Quero vê-los.

Não se deixa vencer. Em sua face esquerda aparece um leve rubor, mas os olhos mantêm-se obstinadamente fixos no mar. Sou tomado de viva impaciência. Preciso vê-los!

De repente, cheios de gravidade, eles se lançam nos meus com uma pergunta impaciente:

— Que queres?

— Amo!... afirmam os meus.

Seus olhos não sabem o que responder e principiam a acariciar os rochedos, a praia, o azul.

Entretanto, observo a tenra linha da nuca, o ligeiro decote na frente, a curva do braço, fresca e nítida. Sei que seus dedos, metidos em luvas, são semelhantes a pétalas de rosa. Tudo se aprofunda

dentro de mim, cresce interiormente como se por longos anos eu o tivesse visto e acariciado. Quando, como se fosse por acaso, ela abre para mim as suas úmidas violetas, meus olhos se lançam certos nelas:

— És minha!

Ela, no entanto, ainda não sabe “de quem é” e permanece um pouco indecisa. Mas eu não tenho dúvidas e espero apenas o momento em que nos tornaremos a olhar.

— És minha!

Seus olhos então lançam sobre mim sua profundidade luminosa capaz de engolir-me e dizem com firmeza:

— Tua!

— Para sempre?

— Para sempre!

Poderia por acaso ser de maneira diferente? Estamos sobre o mesmo chão, dez passos apenas nos separam, o mesmo sol nos ilumina, a mesma paisagem nos penetra e até nossas sombras se confundem.

Mergulhamos os olhos no mar ou nos do outro...

Só nós dois existimos no mundo. Que temos com os outros todos? Neste instante, vindo não se sabe de onde, surge um terceiro. Exatamente como uma nuvem que se interpusesse apagando o sol.

Ele dá grandes passadas com suas pernas magras, metidas em meias compridas, e curva ao lado dela o corpo vestido num terno inglês, tirando do bolso um binóculo. Fala-lhe como o faria um velho

conhecido e oferece-lhe o binóculo. E ela o tomou!... Ela o tomou!...

Pôs as minhas violetas no mesmo lugar em que momentos antes haviam estado os olhos do desconhecido, como se nada houvesse acontecido.

Não, não posso ficar quieto.

— Meu caro senhor!

Não, isso pode mesmo irritar! Sinto-me ferver.

— Meu caro senhor! Quem lhe deu o direito de conduzir-se assim? Não vê que isso, de sua parte, é uma ousadia?...

Ele parece compreender a linguagem de meus olhos, pois volta-se para mim e lança-me um olhar interrogativo. Depois, com indiferença, retira-o. Pois então, que vá para o diabo!

Mas, e ela? A mesma que faz pouco me jurava:

— Para sempre!

Basta que apareçam umas pernas magras e um terno inglês... Ei-la, a fidelidade feminina!

Sinto-me tomado de ciúmes. Volto-lhe as costas e juro comigo mesmo que entre nós está tudo acabado. Pode apreciar o seu bretão quanto queira... Nem vou olhar. Estou mais interessado na beleza da natureza eterna, imutável. Por nada deste mundo hei de voltar-me. Mesmo que chorando me suplicasse. Por coisa alguma deste mundo...

Sinto seu olhar em meu pescoço. Ele me atrai. Talvez seja apenas uma ilusão. Estão de certo tão embebidos um no outro que nem existo para eles. Será que devo virar-me rápido e surpreender os pombinhos? Mas, que tenho eu com os amores dos outros? Contudo, volto-me gelado e encontro os olhos dela.

São tão mansos, suplicantes e inocentes! Perdoem-lhes de todo coração e esqueço-me de tudo.

— Tu me queres bem?

— Amo!

Vou de novo atrás dela. Para onde vai, sigo-a, sem parar. Quanto ao bretão, não me interessa. Para mim ele não existe. Acompanho-a à distância, atrás de seu véu azul eu vou a seu encontro para olhá-la nos olhos. Escolhe postais e eu compro-os também. Já estou com os bolsos cheios. Ela contempla as vitrinas e eu me ponho a seu lado. Tudo isso, somente para conseguir-lhe um olhar lançado às escondidas, malvada, por entre cabeças humanas. Do mesmo modo que o sol deixa passar seus raios por entre a chuva.

O dia chegou ao fim e a noite iluminou-se toda. E eu continuo sempre a andar. Onde ela está, aí encontro-me eu. Ela já está cansada, é tempo de ir repousar. À luz das estrelas, pela última vez eu penetro em seus olhos.

— Até amanhã? — perguntam os meus.

— Até amanhã... respondem as violetas.

— Minha?

— Para sempre!

No dia seguinte, mal clareou o dia, corro aos caminhos da véspera. De súbito, sem haver chegado ao fim, paro. Faz-me estacar o cheiro da fumaça, lançada pelo vapor. Sei!... Tenho certeza de que ela já não está mais aqui. Foi-se no vapor da manhã. Ei-lo que mal se vislumbra, esfumado no mar cinzento. Até o fumo já se dispersou.

Paro na rua e aspiro aquele perfume leve.
Foi tudo o que restou do meu romance...

*

Emociono-me sempre ao ver o agave com sua coroa de folhagem áspera, denteada nas bordas e afinando até formar uma ponta aguçada. Assentado sobre os terraços, ele se espalha e é o coroa-mento da força oculta sob a terra. Aquele tronco esguio, semelhante a um mastro verde, traz na testa a coroa da morte: a sua dor. O mistério do agave é este: floresce para morrer e morre para florescer.

Ei-lo, aqui está aquele que sempre me co-move. O que floresce uma única vez com sua flo-ração mortal. Suas entranhas cor de cinza estor-cem-se em dores violentas, enquanto cerrando os dentes ele vai arrancando do coração folha a folha. Imobilizou-se profundamente no chão pedregoso e vai sentindo, com terror, como se desenvolve e vai amadurecendo e dilacerando a própria alma.

E isso dura longos anos.

Lá bem no fundo, em qualquer parte abaixo do sino cor de cinza das raízes, algo existe que misteriosamente se vai esfriando, enquanto retira as forças do seio da terra. E o agave, tomado de desespero, reúne toda sua folhagem, como se pressentisse a morte que o parto traz consigo. Em cada folha que em dores se desprende de suas entranhas fica a marca dos dentes.

Todas as coisas têm seu tempo, tudo tem sua hora.

Assim também com o agave. Aquilo que nele estava oculto, irrompe, escapa aos abraços envolventes e liberta-se como um gigante, trazendo no corpo valoroso, que somente pode ser comparado ao do pinheiro, a floração mortal.

Batido pelos ventos, vizinho do céu, o agave pode perceber agora o que antes não pudera. Vê o oceano, os rochedos, é o primeiro a saudar o sol que nasce e o último a contemplar o rubro sol poente. O vento sussurra-lhe de passagem, como faz às coroas das árvores.

Embaixo, contudo, as folhas cor de cinza vão murchando, pendendo, como se estivessem doentes. As chuvas escorrem por elas, e os dentes azuis brilham mortos ao sol. A coroa pende mole como um farrapo, e a flor no tronco alto saúda o mar e o sol, as rochas e os ventos úmidos que vêm de longe, com a orgulhosa saudação sem esperança dos que estão condenados a uma morte prematura.

De manhã cedo, abrindo a janela, eu sempre olho a fileira de agaves florescentes. Eles se erguem direitos, esbeltos, muito altos, trazendo na testa a coroa da morte, saudando o mar distante:

“Ave, mare, morituri te salutant! . . .”

VOLODYMYR VYNNYTCHENKO (1880-1951)

Nasceu na cidade de Yelysavét. Foi expulso da Universidade de Kiev por causa de suas atividades políticas, em 1902. Destacou-se como publicista e político durante a curta fase (1918-1920) em que a Ucrânia esteve independente e depois em seu exílio na França.

Começou a escrever em 1902. Suas obras mais importantes são: **FORÇA E BELEZA** (1906), **MEMÓRIAS DE MEFISTÓFELES** (1918), **A MÁQUINA SOLAR** (1928). Dedicou-se, também, ao teatro, tendo escrito alguns dramas.

Vynnytchenko foi buscar seus temas na vida da pequena burguesia e dos camponeses, contando os conflitos entre estes últimos e seus senhores. É bem característico seu interesse pelos problemas patológicos da alma humana. Pregando a "honestidade consigo mesmo", o autor quis desmascarar a hipocrisia, os fingimentos, os recalques, chegando à justificação de uma moral individualista.

A FOME

Volodymyr Vynnytschenko

No fundo do fosso que corria junto à estação, três pessoas avançavam lentamente de gatinhas, em silêncio, parando às vezes para escutar. Silenciosamente, as estrelas as seguiam piscando umas às outras. O vento, após sussurrar timidamente às ervas, corria pelo fosso para esconder-se logo depois, medroso, na estepe. Ali por perto a “saudades-da-noite” murmurava misteriosamente e suspirava.

O que estava na frente parava, às vezes, erguia-se devagar e espiava cauteloso na direção da estação. Lá tudo permanecia, como dantes, adormecido. Sobre o banco colocado perto da campainha, silhuetas mal alumiadas pela luz da lanterna se recortavam. Através de uma janela podia-se ver o telegrafista curvado sobre a mesa. Filtrava-se uma luz por entre as árvores do pomar, e à sua volta havia gente reunida. Dali chegavam risadas, tinir de copos, cantos suaves e abafados, ou estrondosas gargalhadas que rolavam umas sobre as outras.

Entre a estação e o fosso, as linhas dos trilhos luziam direitas, estendidas, retesadas, dirigindo-se a uma distância qualquer. Ao sair das zonas iluminadas, os trilhos desapareciam nas trevas, e lá onde rastejavam, mal se podia perceber as sombrias fileiras dos vagões.

— Então? — perguntavam os de trás, quando o primeiro se deixava deslizar para baixo.

— Vamos adiante! — resmungava este e, sem falar, arrastava-se para a frente. Após ele os outros seguiam, girando sobre os joelhos de maneira estranha, parando vez por outra. Assim que paravam, cessava também aquele ruído de folhas secas dentro do fosso e percebia-se o vento timidamente se roçando contra eles. Ouvia-se algo suspirando na estepe, e os sons e risadas que vinham do pequeno pomar se espalhavam. No alto do céu escuro, as estrelas observavam-nos atentamente, em silêncio, misteriosas.

Rastejaram, assim, por longo tempo.

O primeiro ergueu-se de novo, pôs a cabeça fora do fosso e ficou imóvel. A estação ficara distante, para um lado, e os trilhos já não luziam mais. Em seu lugar, semelhante a uma trança escura, sucedia-se uma fileira de vagões de carga.

— Pst! . . . — sussurrou o primeiro voltando o rosto para os companheiros. — Venham para fora!

— É aqui? — perguntou o do meio em voz baixa, chegando-se a ele.

— São estes . . . Não perdeste os sacos? Pst! Tu aí, que os raios te partam! . . .

Assustado, o de trás abaixou-se e ficou de cócoras. Depois, devagar, sem mover-se quase, aproximou-se dos dois e perguntou baixinho:

— Tens certeza?...

— Não tenhas medo. Carreguei-o nos meus ombros... Silêncio! Não te afastes de mim... Pst!... Mas não fujam se alguém gritar... É só atirar os sacos lá para baixo. Estão ouvindo?

— Sim, pois já...

— Pois então, que Deus nos ajude!

No seu estranho balançar, as três figuras se arrastaram, vagarosas, cautelosamente, uma após outra, na direção justa dos vagões. Estes se encontravam envolvidos em misteriosa escuridão. Fúnebres, assemelhando-se entre si como caixões mortuários sobre trilhos, pareciam estar ali à sua espera, inertes, guardando escondido em seu bojo algo de terrível. Reinava uma tristeza em tudo.

Para um lado, a estação cochilava embalada pelos cantos suaves, pelos risos e conversas que vinham do pomar.

O vento ficara para trás, na estepe.

O primeiro parou, de repente.

— Quem vem lá? — ouviu-se nesse instante, vindo de algum lugar próximo aos vagões.

Os três imobilizaram-se, um após o outro. As estrelas piscaram na expectativa do que iria acontecer, e até o vento chegou da estepe a correr, pondo-se a sussurrar alguma coisa a seus pés.

— Quem vem lá? Estou perguntando. Não ouvem? — fez-se ouvir dos vagões uma voz zangada e um tanto alarmada.

— Atirem os sacos, ligeiro, — murmurou o da frente ao mesmo tempo que jogava alguma coisa para o lado. Depois disse alto e com a voz calma:

— Amigos!

Junto aos vagões movia-se algo.

— Que amigos? Quem é que anda por aí?

— Vamos à estação!...

Dos vagões surgiu uma sombra que começou a aproximar-se. Rápido, o primeiro adiantou-se e os outros atrás.

— Parem! Esperem! — ouviu-se uma voz ainda mais alarmada, e os seus passos apressaram-se.

— Para que esperar? Não temos tempo...

— Digo que parem senão atiro!

O que ia na frente parou e os outros depois dele.

A sombra chegou tão perto que até se podia perceber que trazia uma bengala na mão e possuía uma barba preta.

— O que há? Boa noite! — disse com calma o primeiro.

Sem responder, o sujeito principiou a examinar com atenção, silenciosamente, os rostos, as roupas e as mãos.

— Somos seus conhecidos, por acaso? — resmungou zangado, sem querer, o do meio.

— São meus conhecidos, sim! Também! — respondeu o outro severo, sem deixar de fixá-los. Puxou do peito uma coisa que levou à boca e, inesperadamente, soou, estridente, um apito.

— O que será que vai acontecer? — perguntou rápido e preocupado o primeiro.

Sem dar-lhe atenção, o outro estava de ouvidos atentos para o lado da estação. Os vagões continuavam parados em longas filas fúnebres, indiferentes aos quatro homens, que, excitados, esperavam junto deles, na escuridão. Só o vento, curioso, soprava ali por perto e as estrelas atentas piscavam umas para as outras.

O homem levou a mão à boca, novamente, e um apito ressoou cortante, interrompido, ameaçador.

— Tu temes a Deus, homem? — perguntou baixo o primeiro com tristeza. — Por acaso te atropelamos com a carroça para apitares chamando os guardas?

De repente, na estação soou um apito áspero, interrompido. O homem na sombra mexeu-se aliviado.

— Deus é Deus, mas dever é dever, — disse com dureza, friamente. — Ontem, dois camponeses vieram aqui à estação, ao que parecia. Pois bem, descobriu-se, depois, que haviam feito um buraco no vagão e derramado todo o grão. E o vigia vai ter de responder por isso!

— E nós viemos, por acaso, roubar grão?

— Quem sabe? O guarda é quem vai decidir. Ficaram calados.

— Eh... — suspirou o primeiro. — Gente! Talvez tenha filhos passando fome também... E daí, chama o guarda logo... Quem sabe, aqueles camponeses estavam sem comer há três dias? Os que derramaram o trigo dos senhores, hein?

Sem replicar, o vigia levou a mão à boca e apitou. Não muito longe, alguém respondeu ime-

diatamente. Os três ficaram inquietos, depois imobilizaram-se, sombrios.

— Pois é assim mesmo! — disse o vigia de repente, malicioso. — Se não fossem os filhos, eu talvez nem andasse por aqui, correndo atrás de vocês, seus diabos!...

Calaram-se todos. Percebia-se alguém aproximando-se apressadamente dos vagões.

— Vocês são da aldeia que está passando fome? — perguntou o vigia severo.

— Sim, da que está passando fome! — respondeu o primeiro a contragosto.

— De Kyrasserowka ou de Vodniany?

— De Vodniany...

— Vieram atrás do trigo, não é?

— O que é que ele tem com o trigo? — deixou escapar o do meio, zangado e maligno. — E se fosse por causa do trigo, que é que isso tem? Podes provar? Pensas que temos medo dos teus guardas? Diabo os leve a ti com eles, barbudo: pensas que nos metes medo? Apita... Era bem capaz de “apitar” com um pau na tua cabeça e esticarias as canelas aí atrás dos vagões.

— Pois experimenta! — replicou o vigia tranquilamente, sem dar-lhe a menor confiança.

— Calma, Danylo! — disse o primeiro em voz baixa.

— Mas eu não tenho razão? Porque nos prende? Por acaso nos apanhaste fazendo alguma coisa proibida? Pensas que quando responderam ao teu apito, a administração já...

— Ei! — ouviu-se perto dos vagões.

— Aqui! — chamou o vigia.

Da escuridão, duas pessoas emergiram apressadas. Aproximaram-se trazendo no meio delas algo que balançava com um tinido.

— Que é que há? — perguntou uma delas ainda de longe.

— Aqui estão estes sujeitos que rastejavam junto aos vagões.

As duas chegaram bem perto, pararam e começaram a examinar os presos. Vestiam camisas brancas, cingidas por um cinturão preto. Um dos guardas segurava um fuzil e o outro um sabre.

— Hum! Sim... — disse o do sabre em voz lenta e séria.

— De onde são?

— De Vodniany, senhor guarda... — suspirou o da frente. — Íamos à estação... Não sabíamos de nada e, de repente, este aqui berrou: — Pa-rem senão eu atiro!... Por quê?

— Porque sim! Têm salvo-condutos?

— Salvo-condutos?

O da frente tossiu, coçou-se e, depois falou rápido:

— Os salvo-condutos não estão conosco... É que...

— Hum!... Pois então acompanhem-nos. Na estação nós falaremos.

O primeiro abriu os braços suspirando e foi atrás do guarda. Após ele foram os outros. A seu lado marchava o guarda que trazia o fuzil. Dentro de três ou quatro minutos achavam-se todos no pequeno pomar de onde partiam risadas e doces cantigas. Na mesa colocada sob as acácias viam-se velas acesas em candelabros de cristal, e à volta de-

las as garrafas erguiam-se espetadas. Por entre as garrafas havia pratos com sanduíches, caixas com alimentos, facas e copos. Duas senhoras estavam à mesa. Junto a elas, encontravam-se um velhote e dois oficiais da guarda. Um deles era calvo e ostentava magníficos bigodes ruivos. O outro era extremamente jovem e bonitinho. Ao redor das velas, as mariposas enlouquecidas revolteavam, esvoaçavam, chocavam-se contra os cristais, caíam sobre a toalha, debatiam-se, erguiam-se novamente e tornavam a voar.

Os que se achavam à mesa tinham nos olhos uma expressão vaga. Nas faces e nos lábios das senhoras havia um rubor estranho.

— Então, o que é que há? — O oficial, dono dos belos bigodes, olhou interrogativamente para o guarda que, encobrindo com seu corpo os cativos, avançou levando a mão ao colarinho. Empertigando-se ainda mais e segurando o sabre com a outra mão, disse com voz séria, enchendo-se de coragem:

— Excelência! Nós agarramos uns ex-proprietários, Vossa Senhoria!

Agitaram-se todos e até o velho senhor, que estava a limpar cuidadosamente o prato com o pão, voltou surpreso a cabeça e assim ficou imóvel.

— Ex-proprietários? — indagou o oficial incrédulo, com voz arrastada e preguiçosa. — Ora, afasta-te, então!

O guarda voltou-se vivamente e afastou-se para um lado. Todos fixaram olhares cheios de curiosidade nos que se achavam à sua frente.

Os três homens estavam descalços, nos pés grandes dedos negros, as faces de uma palidez cin-

zenta, cavadas, cobertas pela barba. Nos seus pescoços de camponeses miseráveis, as rugas escureciam. Os três estavam sem chapéu, as cabeças abaixadas, o corpo inteiro à espera de desgraça inevitável.

Uma das senhoras, de grandes olhos azuis e sonhadores, desandou a rir:

— Ex-proprietários! Ah! Pensei que fossem verdadeiros...

O guarda olhou-a de soslaio, mas esperou que o oficial falasse. Este soluçou, apoiando-se ao espaldar da cadeira e, com voz ainda mais arrastada, dirigiu-se aos prisioneiros:

— Sim! Hum! Por que vocês... como dizer, estão se revoltando?

Os “ex-proprietários”, cujos olhos ávidos corriam pelos sanduíches, mexeram-se e voltaram as cabeças para o seu lado.

— Vossa Senhoria sabe, nós não estamos fazendo nenhuma revolução, — respondeu rapidamente o primeiro. — Nós somos da aldeia que sofre a fome. Falo como se estivesse diante de Deus, Vossa Senhoria! Há dois dias que não comemos, Vossa Senhoria!

— Mentos! Vocês todos cantam a mesma cantiga...

— Senhoria! — interrompeu o guarda. — Estes foram apanhados junto aos vagões de trigo.

— Ah, ah! Estão vendo, então?... Queriam roubar os grãos?

— Vossa Senhoria! — falou o primeiro, tirando os olhos de cima dos sanduíches e encarando o oficial com a cabeça inclinada. — Se tivéssemos

vindo para apanhar trigo, teríamos trazido sacos, ou, pelo menos, bolsas. E como bem podeis ver...

— Hum! — fez o oficial, torcendo o bigode.

— Para o diabo, Serejka! — exclamou impaciente o outro oficial. — Skryptchúk, dá-lhes uma chibatada e manda-os para o diabo!

O guarda fez uma continência, mas ficou à espera do que Serejka iria dizer.

— Hum! — Serejka, embriagado, torcia lentamente os bigodes, olhando os prisioneiros. Estes permaneciam atentos, esperando, enquanto seus olhos corriam sobre os alimentos. As senhoras cochichavam qualquer coisa e riam mostrando com os olhos os “ex-proprietários”.

— Levem-nos para a prisão! — decidiu Serejka, inesperadamente, e voltou-se murcho para a mesa.

— Obedeço!—O guarda fez tinir as esporas. — Vamos!

Os prisioneiros ficaram inquietos. Danylo franziu as sombrancelhas e resmungou alguma coisa. O que estava atrás, um velhinho de nariz pontudo e olhos assustados, redondos como duas cerejas, ficou ainda mais tenso.

O da frente abriu os braços e exclamou apenas:

— Vossa Senhoria! Por que razão?

— Por desordem! — balbuciou lerdo e sem olhar para trás.

— Vossa Senhoria! Temos filhos, família passando fome... Por que razão? Acaso nós nos revoltamos? Por que temos de ir para a prisão?

O oficial bonitinho saltou da cadeira impaciente e chegando-se a eles exclamou:

— Marchem!

— Mas para a cadeia, por quê? — explodiu Danylo subitamente tomado pelo ódio, na sua voz de baixo profundo, passando o olhar pelo oficial bonitinho e fixando-o na nuca do que possuía os bigodes magníficos. Este virou-se com lentidão, e fitou Danylo atentamente.

— Hum! Então, tu ainda... Dá-lhe na cara! — fez sinal ao primeiro. Este, assustado, olhou para Danylo, depois para o oficial e, de olhos muito abertos pelo espanto, para os outros todos.

As damas puseram-se a rir.

— Bem achado! — balbuciou o velho com indiferença, esfregando os lábios com o guardanapo.

O oficial, encorajado, olhou para trás, para as senhorias e, virando-se, gritou autoritário:

— Bata-lhe na cara!

— Vossa Senhoria! — implorou o primeiro, erguendo as mãos.

— Cala-te!... Não queres? Pois então, tu é que apanharás na cara...

— Tu aí! — apontou para Danylo. — Uma vez que ele não te quer partir a cara, parte tu a dele!

As damas, o oficial e até o velhote puseram-se a rir de prazer.

— É justo! — exclamou a senhora de olhos sonhadores.

— E depois ele te baterá... Em seguida, os dois juntos baterão no terceiro. Então?

Danylo fitou-o cheio de ódio, sem nada dizer, e aspirou fundo. O primeiro sorria como que distraído, enquanto o último olhava os presentes com

olhos assustados, amassando o gorro entre as mãos trêmulas.

— Então? — exclamou Serejka subitamente enfurecido, levantando-se. — Estou brincando com vocês, por acaso? — Dá-lhe na cara! — Deu um passo em direção a Danylo, fazendo um sinal com a cabeça para o primeiro.

Danylo empalideceu e disse com voz surda:

— Por que razão hei de bater-lhe?

— Não discutas! Ordeno-te, bate, então!

— Vossa Senhoria! — exclamou novamente o primeiro, suplicante.

— Para que havemos de passar por uma vergonha dessas! O povo vai escarrar em cima de nós... Tende piedade! Que o senhor guarda nos bata, então! Deixai-nos ir embora, depois!

— Eu quero que vocês mesmos quebrem as caras uns dos outros... O guarda ainda chegará a tempo...

O guarda sorriu. Danylo apoiando-se ora num pé, ora no outro, murmurou com voz surda:

— Mandai que nos prendam.

— Não!... Dá-lhe na cara primeiro, irmão para a prisão, depois. Não, não mandarei para a prisão, depois. Vou deixar que vão para onde bem quiserem. Estão escutando? Prometo! Por Deus!... E então?

— Meu Deus, meu Deus! — O primeiro sacudi a cabeça tristemente, enquanto Danylo apoiando-se ora sobre um pé, ora sobre outro, calava-se e permanecia imóvel como se fosse de pedra.

— Então? — O oficial encarou Danylo. Este não se moveu.

De súbito, a face do oficial ficou congestionada, os olhos avermelharam, enquanto os bigodes arrepiavam despenteados.

— Skryptchúk! Quanto tempo ainda vou perder com vocês? — crocitou raivoso. — Fora com eles!

Danylo lançou um olhar rápido ao oficial e a Skryptchúk. Este, assustado, havia puxado o revólver. Franzindo muito a testa, Danylo exclamou com voz rouca:

— Não tens o direito de atirar!

— O quê? — esbravejou o oficial correndo para o guarda e arrebatando-lhe o revólver da mão. Este, rápido, passou pela cabeça a tira à qual o revólver se achava preso e, assustado, não se moveu.

As senhoras soltaram uma exclamação. O primeiro e o último mantinham os olhos muito abertos fixos diante de si, parecendo já não enxergar muito bem.

Nesse instante, o oficial bonito aproximou-se ligeiro de Serejka, segurou-lhe rudemente a mão, dizendo:

— Serejka! Escarra aí... Não vale a pena ser condenado por causa de uns vagabundos quaisquer! Deixa! Escarra aí!

— Não... — rosnava Serejka. — Hei de forçá-los... Hei de mostrar-lhes...

— Serguei Semenytch! — aproximou-se correndo a senhora dos olhos sonhadores. — Deus seja convosco! Mandai-os para a prisão e basta!

O oficial dos bigodes magníficos deixou o revólver cair e, respirando pesadamente, voltou-se para a senhora:

— Larissa Ivánovna! Eu hei de forçá-los! Eles devem fazer isso para a senhora...

— Não é preciso!... Eu não quero!

— Não! Eu hei de forçar vocês, estão ouvindo? Ponho todos em liberdade. Darei um rublo a cada um para comprar aguardente... Ouviram? Bate!

— Senhoria, deixai-nos ir... — soluçou o primeiro.

— Não! Darei um rublo para comprar aguardente, para todos, mas dá-lhe na cara! Estás ouvindo? Deus é testemunha de que dou, mesmo... Não acreditas? Olha! — Rebuscou nos bolsos, com mãos de bêbado, decidido. Puxou a bolsinha e derramou o dinheiro na palma. Algumas moedas rolaram-lhe das mãos para a terra e caíram aos pés de Danylo. O guarda fez menção de apanhá-las, mas o oficial gritou-lhe:

— Deixa aí, não pegues! É para eles!... Bate!... Vês? Darei tudo. Bate! — A mão que continha o dinheiro tremia-lhe. Os bigodes se despentearam, enquanto seus olhos fixavam o primeiro, obstinadamente. Darei tudo! Bate-lhe na cara!

O primeiro olhou para Danylo, este relanceou rápido um olhar para o dinheiro, para o chão, novamente para o dinheiro e, depois, outra vez para o solc.

— Então, batam logo, imbecis! — exclamou o belo oficial impaciente. Vão, depois, para o diabo! Toma o dinheiro e bate! — disse ao primeiro.

— Darei tudo àquele que bater! — bradou o dos bigodes formidáveis. — Então?

Ficaram como se já estivessem meio mortos. O primeiro sorria abertamente, murmurando, baixo,

alguma coisa. Danylo respirava ofegante. As damas e o velho manifestavam uma expectativa ansiosa.

— Então? — o oficial agitou a mão. As moedas tiniram dentro da palma.

Os tres homens lívidos, como se fossem atraídos por um imã, voltaram as cabeças na direção do tilintar. Nos rostos sombrios escavados pela fome transpareceu algo mais inquietante, que timidamente se firmava: cobiça. Danylo passava o peso do corpo de um pé para o outro, respirando pesadamente pelo nariz. O que estava mais atrás, aproximou-se.

— Como é interessante! — sussurrou a dama dos olhos sonhadores, saboreando a cena, e chegou para mais perto, passando olhos gulosos pelos prisioneiros.

O oficial, sorrindo silenciosamente, fez tinir, de novo, as moedas.

— Vossa Senhoria! — gemeu o primeiro numa tortura. — Por favor, tende piedade de nós. Estamos com fome... temos filhos, Senhoria...

Danylo mexeu-se. O primeiro fitou-o com atenção e calou-se rápido, percorrendo os presentes com olhos inquietos.

— Na...ão! Dá-lhe na cara... — sorriu o oficial, e o dinheiro voltou a tinir. Seus olhos com expressão embriagada e farta passaram cheios de satisfação pelos três homens famintos, ainda tensos mas já esgotados. Os três cativos, cujas faces tinham um palor acinzentado, agitaram-se novamente, entreolhando-se a medo, e permaneceram

mudos diante dos senhores, rolando os olhos que refletiam cobiça.

Danylo virou-se para o primeiro e, sem olhá-lo, balbuciou abafadamente:

— Bate, Semén...

O primeiro recuou um passo.

— Não faz mal, bate!... Dai-nos o dinheiro!

— Danylo voltou-se para o oficial.

— Não! Dá-lhe na cara primeiro!... — O oficial embriagado cambaleou.

— Então... — Danylo respirando pesadamente recuou e deu uma bofetada em Semén, depois, voltou-se rápido e disse baixo ao oficial:

— Dai-me, agora! Já bati!...

— Não, espera! Agora, ele é que te esbofeteia!

— Sem dúvida! — concordou a senhora dos olhos sonhadores, entusiasmada.

Danylo voltou-se bruscamente para Semén que sorria numa careta e, olhando para um lado, disse-lhe com aspereza:

— Bate-me tu, também!

Semén ficou perturbado.

— Bate de uma vez! — gritou-lhe Danylo enraivado, — por que esperas? Dá aqui.

Os senhores assistiam àquela cena com volúpia.

O primeiro esfregou as mãos, levantou uma delas e abrindo os braços bateu timidamente na face de Danylo. Este virou-se logo para o oficial, fitando-o com ar sombrio:

— Pronto! — disse.

— Ah! Então! — O oficial sorriu satisfeito e num gesto de mão espalhou o dinheiro no chão.

— Apanhem!

Semén, Danylo e o camponês que estava atrás curvaram-se apressados e começaram a apanhar as moedas, com avidez, arrastando-se pelo chão junto aos pés dos guardas, do velho senhor e das damas, empurrando-se mutuamente, lutando e até arrancando à força o que o outro pegara.

Os senhores, em pé junto deles, empurravam de propósito as moedas para um e outro lado, gritando de entusiasmo, batendo palmas.

— Bravos! Bravos! Aí, não te deixes vencer!

Lá, do alto do céu escuro as estrelas contemplavam-nos tristemente e, pela folhagem coberta de orvalho, pareciam ter chorado.

O vento curioso sussurrava a medo nas ramarias. As mariposas, indiferentes aos gritos e às palmas cheias de voluptuosidade dos homens embriagados e satisfeitos, aos homens lívidos e famintos que se arrastavam pelo solo, esvoaçavam, chocavam-se contra os cristais, atiravam-se teimosamente para as chamas, tombavam, caminhavam algum tempo e voavam de novo para as velas.

MYKOLA KHVYLOVY (1893-1933)

Nasceu na aldeia de Trostianka, na região de Khar-kiw, de uma família de operários de sobrenome Fitylov. Foi um autodidata. Representou um papel importante no partido comunista da Ucrânia, de 1920 a 1933.

Nos últimos anos de vida, iniciou uma campanha contra o domínio da cultura russa, lançada com o nome "Fora com Moscou!" Isto, no entanto, sem romper com o comunismo. Não podendo mais conseguir seu propósito e, desesperado com o vulto que tomou a revolução de 1917 na Ucrânia, suicidou-se.

Khvylovy entrou para a literatura como novelista e romancista. ESTUDOS AZUIS (1923), OUTONO (1924), NOVENBRO AZUL (1926), ANDORINHAS (1927) são suas obras principais.

A arte de Mykola Khvylovy aparece de nervos expostos. Sua sensibilidade é quase mórbida, compondo quadros do mais cintilante impressionismo. No fundo da alma o escritor permaneceu sempre um romântico.

O CAMINHO E A ANDORINHA

Mykola Khvylovy

Abre-se em perspectiva um caminho. À direita e à esquerda, aquarelas. Além, uma floresta. O caminho vai até ela, ou talvez lhe passe ao lado.

Tranqüilamente, o caminho vai e torna-se deserto.

É provável que, em breve, as folhas fiquem amarelas, e o carvalho antigo, que se destaca contra o fundo do céu, sinta-se tristonho. Existia outrora, na minha infância, um carvalho junto a nossa casa.

Contemplo o caminho e ele leva-me a longínquas distâncias.

Sigo por ele humildemente.

Havia, antigamente, uma bétula. Colhi uma folha e meti-a dentro de um livro. Suas linhas tornaram-se até amareladas e o livro parece ter mais de cem anos. Dentro desse livro jazia a folha de bétula amarelada. (Talvez a bétula já nem exista mais...) E quem ainda se recordará do autor do livro centenário com suas linhas amarelecidas?

Olho o caminho. Está deserto e ponho-me a pensar sobre o não ser: quando o caminho assim se vai embora, há alguma coisa que se põe em marcha, que se vai para o desconhecido, que se vai embora.

Lembro-me, depois, das ameixas.

Era justamente por esse caminho que, outrora, transportavam as ameixas. Eu era menino e pedi ameixas à minha tia.

Deu-me um punhado, então.

Ah, mas não eram as ameixas, não! Era a meninice.

Sobre a paisagem as nuvens se agrupam, reúnem-se na hora tardia. Não será um dilúvio, um simples orvalho apenas irá cair. Então as plantas brotarão.

Havia (recordam-se, por acaso?) pombas no dilúvio.

*

Junto à janela, pombas passam ruflando as asas e desaparecem por detrás do edifício enorme.

E a pomba pergunta:

— O caminho?

Responde o pombo:

— O caminho!

Voaram, depois, para a praça de Volodarsky e pousaram próximo à prefeitura.

Olharam, novamente, o caminho.

Atrás dele, para onde quer que vá, anda a dureza, talvez a crueldade, talvez até a própria morte.

Que fazer? Venha o que vier, estará tudo certo.

Seja assim, embora! Que acontecerá ao caminho?

Perguntou o pombo:
— O caminho?
A pomba respondeu:
— O caminho!

*

Sobre o caminho, na distância, uma grande sombra surgiu. Nuvens desgrenhadas passaram apagando o sol. Quando a sombra que escondia o caminho passou, este já não existia mais.

No limite de minha sabedoria eu caí e, com saudade, pensei:

— E o caminho?

Mas os pombos não me responderam.

*

A cidade borborinhava, os motores zumbiam e os edifícios erguiam-se em vôo.

Meu sonho distante (asa de cisne) — desfez-se sobre a cidade.

Pus um boné e saí à rua.

*

Havia silêncio e trevas.

De súbito, o vento soprou,

retorceu,

rumorejou

nas árvores.

A trovoada chegava, uma trovoada de verão, perfumada.

Algo fê-la disparar, galopando solta, pelos espaços sombrios.

A chuva começou a cair num sussurro.
Ela buscou a luz.

Procurou
encontrou
voou.

Entrou.

A luz era bela e tão forte! Havia silêncio, ali,
sem a chuva.

Era um salão.

Pousou no armário quieto, seco e tépido.

Ela, porém, estava inquieta.

A simples luz elétrica perturbava-a.

Então, novamente, ela se atirou num vôo.

Mas ali havia quatro paredes de veludo.

Era natural. Ela chocou-se contra a parede
aveludada e caiu dentro do vaso de porcelana fina.

Voa! Volta!

Bateu-se contra o teclado!

Ouviu-se um som harmonioso.

E ela?

... Ainda uma vez lançou-se contra o teto pin-
tado,

depois,
exausta,
tombou.

Pousou. Respirava ofegante. Os pesinhos envol-
vidos no tapete de seda oriental, vindo da Turquia.

Não se tratava, evidentemente, de um salão co-
mum, pois era um salão em minha imaginação.

Para além das janelas, o vento expandia-se,
rangiam as árvores e as corujas piavam assustadas.

Apenas a noite ria silenciosamente, escura e
traíçoira.

...Sim! Procurava a janela para escapar por ali, voando de volta à chuva e à noite.

Mas não havia janela.

*

Por muito tempo ainda, ela esvoaçou pelo quarto. Caía dentro do vaso de porcelana fina, chocava-se contra o teto pintado.

Estava desesperada. A simples luz elétrica deixava-a inquieta demais.

Na chuva, entretanto, as árvores rangiam; sob a chuva as árvores punham-se a rir.

Ouviria ela, por acaso, como as árvores se riam?

Não, nada ouvia.

Nada!

Finalmente bateu contra o lustre de prata e tombou sobre o tapete de seda turco.

Expirando (matara-se), desviava a cabecinha da luz, buscando ainda a janela.

Mas não havia janela. E assim, morreu.

Para além da janela estava a noite que sorria tranqüila, tenebrosa e traiçoeira.

*

Dez minutos depois a madrugada rompia.

Uma hora após, penetrei no salão.

Já não era mais noite.

Passara a trovoadas, a chuva passara.

O sol nascia.

Cheirava a sol, cheirava à vida.

Respirei profundamente e ergui bem alto a cabeça.

Tomei-a, depois, pelas asinhas que olhei com desprezo e atirei-a ao monturo onde os cães da cidade costumam remexer.

Era uma andorinha.

OLEKSANDR DOWJENKO (1894-1956)

Nasceu na região de Tchernyghiw, na aldeia Sosnytsi, de família camponesa. Estudou no Instituto de Ghlukhiw, mais tarde na Faculdade de Ciências, em Kiev. Interessava-se, ao mesmo tempo, pela pintura e pela urbanística. Depois da revolução de 1917, Dowjenko trabalhou no Commissariado Popular de Educação e exerceu funções de diplomata em Berlim e Varsóvia. De 1923 em diante descobriu sua verdadeira vocação de escritor de cinema e regisseur. Importante para sua arte foi uma viagem ao extremo Oriente.

Oleksándr Dowjenko é o maior criador de cinema ucraniano, a quem muito deve a história de cinema europeu. Ingmar Bergman confessou ter sido influenciado por ele. Em 1964 saiu em Kiev a obra completa do autor, em cinco volumes. As novelas mais famosas, que ao mesmo tempo serviram como libretos de seus filmes, são: A TERRA (1930), ARSENAL (1936), CHTCHORS (1939), DESNA ENCANTADA (1957), O POEMA DO MAR (1960).

Dowjenko é um talento universal, unindo à força teatral o brilho da invenção e o poder de sugestão. Suas novelas apresentam ora uma simplicidade clássica, ora um emaranhado de quadros expressionistas. O espírito da antiguidade, cheio de mitos e heroísmo, vive na sua obra.

O DESCONHECIDO

Oleksánder Dowjenko

Qual seria o meu nome? Qual seria mesmo o meu nome? Aqui, à margem, junto da estrada, o meu nome foi escrito a lápis, um simples nome ucraniano, sobre uma tábua de madeira, presa a uma estaca. Alguém a quebrou e jogou na estrada. Sinto tanta pena que agora ninguém mais há de lembrar-se de mim, ninguém há de saber que fui eu quem salvara aqui o batalhão. Foi minha obra. Eu fui um homem ardente e generoso. Ah, como era mesmo o meu nome? Tenho tanta pena. Talvez os construtores dessem o meu nome à nova ponte. Talvez moças alegres, passando com cantigas pela ponte, fizessem uma canção sobre mim.

Ou então, minha órfã ficaria com saudade, olhando o túmulo do seu pai que salvara seu batalhão na guerra mundial.

YURY YANOWSKY (1902-1954)

Nasceu em Yelysavét, formou-se no Instituto Politécnico, em Kiev. Principiou escrevendo poesias líricas, publicando a coletânea FORMOSA UT (1928) e outras, passando mais tarde a escrever contos e novelas: SANGUE DA TERRA (1930), CARTA A ETERNIDADE (1941), TESTAMENTO (1943), A SONATA DE KIEV (1945), A MOÇA DE GRINALDA (1946) e outros. Seus romances principais são: O CONSTRUTOR DE NAVIOS (1928), QUATRO ESPADAS (1930), GINETES (1935), ÁGUA VIVA (1947), PAZ (1956). Yanowsky escrevia, também, dramas e libretos para cinema, ensaios e crônicas.

Em 1958-59 apareceu em Kiev a edição de cinco volumes, contendo a obra completa do autor.

Yury Yanowsky é um prosador vigoroso. Seus personagens são monumentais como as figuras citadas de pedra no meio da estepe sob o sol ardente, expostas ao sopro da eternidade.

A CANOA NO MAR

Yury Yanowsky

A tramontana soprava na praia. Estava-se no mês de janeiro ou fevereiro. O mar gelara até cem metros de distância; mais além, as ondas encapelavam-se e, no horizonte, alteavam-se negras, com cristas brancas, correndo em direção à margem, contra o vento. Este abatia-lhes as jubas negras. Junto à praia, a crosta de gelo fora quebrada pela tormenta e tudo indicava que dentro em pouco irromperia, ululante, o verdadeiro furacão.

Na praia se achava a velha Polowtchykha, cujas vestes esvoaçam-lhe à volta, como os panejamentos numa estátua de pedra; era alta e severa como em uma canção.

No outro lado da baía, Odessa podia ser vista açoitada pela tramontana, negrejando na margem como o esqueleto de velho barco ao qual houvessem retirado as velas para nele colocar motor ou máquina a vapor. Odessa vivia num contínuo inverno marítimo. Ventos de todas as direções não a poupa-

vam. Às vezes, do mar chegavam-lhes as névoas úmidas, espessas, cinzentas névoas. Agora mesmo, o nevoeiro descera, de repente, e a cobrira. Polowtchykha permanecia imóvel, enquanto na praia os pescadores da corporação trabalhavam nos barcos. O mar impelia pedaços de gelo para a terra, o frio penetrava até os ossos e a tramontana soprava copiosa como um aguaceiro. Era o inverno da beiramar, com sua névoa, e por trás dessa cortina, em pleno oceano estrondava o furacão. As vagas rolavam até a praia cada vez mais violentas e mais altas.

Acendeu-se o farol: listas vermelhas e verdes, raios vermelhos e verdes.

Polowtchykha, que havia preparado o equipamento levado pelo marido ao mar, aguardava o barco, enquanto em seu coração soprava e redemoi-nhava uma outra tramontana. O coração parecia querer saltar-lhe do peito. Friagens e tumultos chegavam-lhe do mar que bramia com gulosa avidez, mantendo prisioneiro o seu Musy. Diante do mar ela não demonstrava temor: permanecia na praia, muda, alta, rígida, severa, sentindo-se como um farol, cheia duma força inextinguível.

— “Ai, foste para o mar, meu querido Musy!” lamentava-se ela silenciosamente. “A água salgada lavou tuas pegadas. Se eu tivesse sabido, como teria acarinhado as marcas dos teus pés com as minhas mãos e ter-te-ia chamado de volta à praia. Ai... sopra, ó tramontana, afasta o mau tempo para o mar, afasta o nevoeiro. Eu ficarei aqui inteiramente só. Mesmo que fosse transformada em uma

árvore, eu agitaria todos os meus galhos acenando para o mar e faria sussurrar a minha folhagem”.

Após o que parecia terem sido longos séculos de espera, surgiu a canoa no mar. Mal podia ser percebida no meio das vagas, escondia-se durante longo tempo atrás de colinas de água, aparecia por um minuto e tornava a mergulhar como num abismo. Peito a peito lutava contra a procela e, na margem, apenas se ouvia o tumultuar das ondas. Era terrível ver o barco que, semelhante a um ser humano, estava solitário entre montanhas de água... O mar sacudia-o com violência cada vez maior, atirava-o contra as vagas, furava-as com ele. Respingos gelados queimavam como fogo, a roupa molhada gelava no corpo. Apenas o pescador não se dava por vencido. Juntamente com outro homem desconhecido, Musy lutava para alcançar a praia.

A velha Polowtchykha não despregava os olhos deles, seu coração estava com o barco. Na praia, os pescadores da corporação falavam sobre Musy. Da aldeia as crianças vinham correndo para o mar. Uma multidão se foi reunindo na praia, ao lado de Polowtchykha, a velha filha da estepe, que corajosamente acompanhava a luta de seu esposo. A névoa se aninhava sobre o mar e o frio era cruel.

— Estão remando! — disse alguém. — Será possível, com uma tempestade assim, ajudá-los?

Os pescadores mais jovens atiraram-se para os barcos, mas os mais idosos barraram-lhes o caminho.

— Não sejam doidos, rapazes! Os barcos se perderão e vocês serão comidos pelos caranguejos. Nossa corporação é pobre e Musy Polovets, o chefe,

se escapar com vida, nos arrancará as cabeças por causa dos barcos.

A velha Polowtchykha viu quando o remo se partiu e a embarcação começou a girar em volta de si mesma. Diante de todos os que estavam na praia, rodopiou duas vezes no mesmo lugar. Uma vaga a colheu, outra a golpeou, atirando-a para o alto, virando-a, e ela desapareceu sob as águas. Os pescadores, então, correram para os barcos, arrastaram o “Andorinha”, orgulho de toda a corporação, até o mar. Tomaram lugar nele quatro gigantes, os remos elevaram-se no ar e, num salto, logo se acharam sobre as ondas, sobre as enormes ondas esfarapadas. O “Andorinha” tombou de um lado, um bloco de gelo chocou-se contra seu costado e a água entrou, aos jorros, pela borda. Os pescadores encontraram-se dentro da água e começaram o salvamento do “Andorinha”. As ondas atiravam-nos contra o quebramar, o gelo feria-os na cabeça e, enquanto eles se agarravam ao “Andorinha”, da margem lhes jogaram uma corda com uma laçada que foi passada no barco. Então, eles o puxaram para a praia.

Sobre as ondas podia-se ver a canoa de Musy, flutuando com a quilha para cima. A multidão dos pescadores tirou os bonés, com reverência. Naquele instante, foi visto no mar alguém que bracejava por entre os pedaços de gelo da crosta partida, alguém que nadava desordenadamente, remando com os braços. Os vagalhões arrastavam-no de volta para o largo, de volta para o nevoeiro marinho. Ele persistia, no entanto, em direção à margem.

Um pescador gigantesco adiantou-se carregando um molho de cordas e, após esvaziar um copo de aguardente, penetrou na água, ficando imediatamente de uma tonalidade azulada. Da praia iam largando corda enquanto o gigante nadava ao encontro do homem no mar. O gelo golpeava-o, mas ele nadava em direção a seu alvo, e atrás dele a corda arrastava-se. O naufrago deitado de costas parecia agonizar no meio das vagas, era atirado para todos os lados, enquanto o pescador nadava e nadava. Mas notaram logo que o homem não estava morrendo, apenas ficara inconsciente em consequência do frio e, voltando a si, recomeçara a dar braçadas, com todas as suas forças, na direção da praia. O encontro se deu no meio das ondas e, durante longo tempo, os que nadavam não conseguiram agarrar-se pelas mãos, as vagas separando-os sempre. Finalmente isso foi conseguido, e a corda retesou-se até a praia como uma veia, dezenas de braços a ela se prenderam, dezenas de mãos reunidas a puxaram. Os nadadores voavam para a margem sufocando-se com a água e abrindo caminho por entre o gelo. O homem que ainda não se sabia quem era chegou à praia e não pôde manter-se sobre os pés descalços. Então, Polowtchykha reconheceu Tchubenko, inteiramente enregelado pelo frio. Nele, só o coração batia vivo e quente, enquanto o povo o mantinha seguro pelas axilas.

— Amigos... — balbuciou Tchubenko com dificuldade, — choro o herói da revolta que me livrou das galés francesas.

Foram embora todos e, na praia, a velha Polowtchykha ficou só, imóvel, alta e digna, como na canção.

Em alto mar, podia-se ver o barco virado. Lá morrera seu amado Musy Polovets. Muito tempo vivera ele neste mundo e jamais ela vira nele algo de mau. Fora um verdadeiro pescador do Mar Negro, das vizinhanças de Odessa e, como sempre acontece, o moço é que se salvara, enquanto o velho perecia.

Um menino veio a correr da aldeia de Dofiniwka:

— Avô! O avô Musy não volta mais. Aquele homem lá disse que o avô mergulhou duas vezes e, depois, sumiu. O homem mergulhou atrás dele e bateu com a cabeça no barco. Agora não temos mais avô Musy.

A praia ficou deserta, os pescadores se foram e ninguém estranhou que a velha Polowtchykha não se movesse do lugar. Ela carpia a sua dor, como petrificada, açoitada pela tramontana em redemoinhos, e a tormenta não cedia, os blocos de gelo partiam-se ao chocarem-se uns contra os outros, a névoa era impelida para a margem e o farol de Odessa lançava seus raios vermelhos e verdes.

Polowtchykha recordou sua mocidade, a juventude em Otchakiw onde os donos do estaleiro, que possuíam inúmeros botes, canoas e barcos a motor, queriam casá-la. Ela descendia de boa família de pescadores, do bom sangue da estepe, e casara-se com Musy Polowets, pescador de Dofiniwka, rapaz sem importância, uma cabeça mais baixo do que ela. Mas o amor é assim mesmo, e na natureza ele reúne o macho à fêmea. Polowtchykha começara a lutar pela vida e a lidar com os peixes. Permaneceu ao lado de Musy e gerou uma casa cheia de rapazes.

Os filhos cresciam à beira-mar, a casa foi ficando pequena demais para conter seus ombros largos, mas Polowtchykha a mantinha com punho férreo. A mãe permanecia à testa da família como um rochedo batido pela tempestade.

Os filhos cresceram e se espalharam pelo mundo. Andry foi para a casa do tio Sydor. Era um malandro e, sabe-se lá, o que mais! Panás trazia de contrabando lenços e brincos, seda e aguardente para a mãe. Polowtchykha reunia tudo isso no cofre e temia por Panás. Fora um parto difícil, era-lhe o filho mais querido. À noite, ela saía em direção ao mar, sempre imaginando ouvir o bater dos seus remos e que era preciso salvá-lo de alguma perseguição. Quanto a Overko, esse era um artista. Representava com os gregos na "Prosvita" e lia os livros escritos em nossa língua. Havia estudado no Seminário, ajudado pelo dinheiro do tio. Era pescador de pouca valia, mas ela tinha pena dele. Estava sem notícias suas e de Panás, também. Quanto a Andry, de certo fora morto, pois sonhara que ele estava se casando.

Só Iván trabalhava na fábrica e ocupava-se em preparar rebeliões, e Musy escondia as metralhadoras, apesar dos franceses se encontrarem em Odessa. Entre eles havia, também, muitos dos nossos que tinham vindo depois da proclamação. Em certa ocasião, causaram um susto mortal a Musy.

O barco virado balouçava nas ondas. O vendaval continuava enfurecido, não dava tréguas. Polowtchykha teve a impressão de que o barco se aproximava. O mar ia permitir-lhe tocar a terra, então, seria necessário puxá-lo para fora da água e salvá-lo. A corporação havia de agradecer-lhe,

pois sem barco não se pode pescar. Aproximava-se da praia, sem parar, sem descanso, palmo a palmo, segundo a segundo. Polowtchykha começou a aguardá-lo para recuperar o que era um bem da corporação. Chegou mesmo a entrar n'água, as vagas escachoando-lhe até a altura dos joelhos. A embarcação aproximava-se cada vez mais e podia-se ouvir quando os blocos de gelo chocavam-se contra ela, via-se até o fundo repassado com resina, a tá-bua da proa erguendo-se acima da água. As vagas rolavam sobre o fundo negro e chato.

Subitamente, Polowtchykha sentiu gelar-lhe o coração. Atrás do barco algo se arrastava pelas ondas, farrapos de roupa entufavam-se na água. A mulher olhou e teve medo de ver. O mar trazia-lhe humilhação. O mar, tinha certeza, impelia também para a praia o corpo de Musy Polowets.

Agora, teria algo sobre que chorar sua saudade. Teria o que sepultar no cemitério dos pescadores, onde jaziam apenas as mulheres e as crianças, e onde os homens sonhavam somente em descansar, mas repousavam sempre no fundo do mar, sob as verdes velas das ondas.

Polowtchykha olhava e temia o que ia ver. Desejava gritar, chamar por seu marido Musy. As vagas batiam-lhe nas pernas, o gelo arranhava-lhe as canelas, e o barco já se achava bem próximo. Vinha sendo impelido de proa para a praia, a água gorgolejando entre as pedras, sobre a areia. Polowtchykha desejava puxar o barco e depois lamentar-se sobre o corpo do esposo. Via-o no meio das ondas tumultuosas e o coração lhe queimava, as mãos nem sentiam o peso da embarcação.

Foi então, que se ouviu a voz. Ela pôs-se a gritar, pois reconhecera a voz de seu marido, exausta e bem próxima:

— Nossa corporação é pobre — dizia o velho — e é preciso que o barco não se perca no mar. Eu sou o chefe. Era preciso salvá-lo. Parece que Tchubenko se salvou. É um rapaz saudável e valente. Não queria nadar sem mim, até que mergulhei por baixo do barco emborcado. Enquanto isso, ele continuava chamando e mergulhando à minha procura.

O velho Polovets ergueu-se no mar raso, com as botas na mão e atirou-as na praia, pondo-se a tratar da embarcação.

Polowtchykha esforçava-se por ajudá-lo. A cruel tramontana gelava até a alma e a praia deserta era assaltada pelo mar. Ao longe na costa, Odessa erguia-se envolta pela névoa, como o esqueleto de antigo veleiro.

O casal Polovets encaminhou-se para casa. Lá se foram eles ternamente abraçados, a tramontana soprando-lhes nos olhos e o mar, atrás, encapelando-se furioso. Seguiam confiantes e amigos, como sempre haviam andado a vida inteira.

SOFIA YABLONSKA (1907-1971)

Nasceu em Ghermaniw, no Oeste da Ucrânia. Frequentou vários cursos, sem terminar nenhum ramo específico de seus estudos. Era casada com um representante da missão comercial francesa e viveu durante muitos anos no Oriente. Depois de 1920 residiu em Paris, trabalhando como decoradora. Morreu num desastre perto de Paris.

Sofia Yablonska tinha orientação política liberal, trabalhava muito e via no trabalho a dignidade do ser humano. Ao mesmo tempo apreciava luxo. Seus contos são, em geral, reflexões, pensamentos e respostas imediatas às impressões. Sofria muito com a injustiça social e dedicava a esse tema sua pena de escritora.

Obras: ENCANTO DE MARROCOS (1932), HORIZONTES LONGÍQUOS (1939), e outras. Postumamente saiu uma coletânea de contos: DUAS BALANÇAS — DOIS PESSOS (1972).

TEMPESTADE NOTURNA

Sofia Yablonska

Levantei a cabeça de sob o cobertor e novamente deitei sobre o travesseiro alvo.

Da lâmpada, a luz rosada se derrama, ilumina minha cabeça e se espalha pelo veludo verde da parede.

O relógio tique-taqueia. Por baixo da madeixa de cabelo que caiu na minha face, desprenderam-se os olhos cansados e pararam no livro branco. As letras negras da capa saltam. Atrás das janelas a cidade zumba: ssss-zzzz-yu-u-u sibila o vento na chaminé.

Sobre o tapete se deita o longo clarão do rubro fogo na lareira. Lá fora — nem outono nem inverno. O vento arfa, silva e arremessa folhas secas contra as janelas da mansarda. As árvores se inclinam, provavelmente abrindo os galhos compridos, pois se ouve como batem contra o teto de vidros. Sobre ele gotejam e fluem folhas. Da rua, tristemente, uma lanterna envia sua luz e lança sombras

delgadas por cima das vidraças. Nas janelas dançam os esqueletos dos galhos despídos.

O vento sacode sem cessar o portãozinho da entrada, onde balança um sino que com seu tom acompanha o silvar contínuo. De vez em quando, pela frincha da porta passa uma folha, cai dentro do velho atelier e se deita, farfalhando, no tapete.

V-v-v-yuuu-zzz... , ouve-se o canto da noite no meio das árvores secas. O sino parece me prevenir sobre os hóspedes desconhecidos, numa noite inquieta, que deslizam através de todas as brechas e rastejam como sombras dentro da casa fechada.

Não durmo. Comigo, Paris inteira não dorme, escutando nervosamente. O zunido noturno arranha e se debate em pensamentos cansados. As lembranças soluçam, os quadros gemem, as esperanças gargalham, a coragem diante da própria sombra se esconde medrosamente debaixo do cobertor.

Os primeiros raios da madrugada caíram sobre as vidraças junto com as gotas pesadas da chuva. Na rua asfaltada já clareiam as calçadas. Diluíram-se as luzes dos últimos lampiões. Businam, resfólegam os automóveis matinais. Aproxima-se o dia, a cidade acorda, — as primeiras figuras cinzentas começam a movimentar-se debaixo de guarda-chuvas largos. O mau tempo foi abafado, pelas sirenas das fábricas. Caminhões se espalham, diante dos portões colhem o lixo, — vestígios de existências humanas.

Carros de padaria distribuem o pão fresco. Dos subúrbios parisienses vêm se arrastando os ônibus e os últimos bondes.

Todos parecem ter esquecido a tempestade — como se não tivessem ouvido nada. Como se não

existisse gente que a noite inteira ouvira aquele jazz fúnebre.

Sob as janelas um homem passa e, parando, grita:

— Vidraceiro! Vidraceiro! — Na língua francesa esta palavra “vitrier” estranhamente se presta para exclamações prolongadas.

Com raiva pulo para o chão. Sob os pés, no tapete, farfalham folhas, como uma pesada noite na cabeça sem sono.

Com preguiça aproximo-me da janela e puxo a cortina. Pedacos de vidro derramam-se a meus pés.

Abro a janela. Lá, na calçada, está o vidraceiro conhecido, olha interrogativo meu rosto cansado e pergunta timidamente:

— Bom dia! Quer que lhe coloque a vidraça?

Recebeu um sorriso de consentimento. Era o primeiro ser humano a sentir que algo se quebrara dentro de mim, e o primeiro que era capaz de me ajudar tão prontamente.

YURY KOSSATCH (1909)

Poeta, prosador e dramaturgo, sobrinho do poeta Lésia Ucrainka, nasceu em Kiev. Estudou Direito na Universidade de Varsóvia, mais tarde Literatura Comparada em Praga e em Paris. Várias vezes esteve preso, por razões políticas. Ultimamente reside em Nova York, onde publica o jornal ALEM DO OCEANO AZUL. Seu estilo caracteriza-se pela combinação de elementos barrocos e expressionistas. Distingue-se por um tom de ironia sutil e uma certa instabilidade emotiva. O escritor coloca-se acima dos seus personagens.

Obras poéticas: RUBOR (1934), O INSTANTE COM O MESTRE (1936), A TAÇA DE GANIMEDES (1958), A PORTA DE OURO (1964), AS NOITES DE MANHATTAN (1968) e outras; novelas: DAMA NEGRA (1931), UCRÂNIA ENCANTADORA (1936), O NOVELO DE ARIADNA (1937) e outras; romances: DIA DE IRA (1946), ENÉIAS E A VIDA DOS OUTROS (1947), OLHAMOS NOS OLHOS DA MORTE (1948), e outros; dramas SÍTIO (1943), AUTO SOBRE YURY O VENCEDOR (1947) e outros.

UMA PEQUENA ESTÓRIA SENTIMENTAL

Yury Kossatch

Naquele dia o sol se punha de maneira especial. Transformou-se logo numa mancha roxa e bem rapidamente se deitou sobre as chaminés das fábricas. Em algum lugar apitava o trem expresso, para algum lugar corriam exatos e medidos retângulos de trigais, campos azuis. E ali, as ruas se aquietavam, como que vacilando, se deveriam ir ao encontro da noite ou esperar ainda. Lindas casinhas bem cuidadas, envoltas em hera, ardiam com suas telhas. Os telhados, como a torre da igreja, no meio da praça limpa e tranqüila, erguiam-se para o alto, sem evidente espírito de aventura, antes inteiramente sérios.

A senhora Fust estava, nesse momento, junto à janela. Cuidar da cozinha não era necessário; tudo fora medido, pesado, contado, o vento não agitava o fogo, — tudo teria de sair certo como saíra inúmeras vezes antes. No entanto, a senhora Fust estava nervosa. Ela percebeu que a colher tremia em sua mão e, passando junto do espelho, notou

que as suas faces estavam mais rosadas do que de costume: destacavam-se com precisão da gola branca. Este rubor certamente não provinha das brasas da cozinha.

“Coração, ó coração tolo”, — sorriu a senhora Fust e, lançando outra vez um olhar ao espelho, esfregou as faces rosadas com as mãos embranquecidas de farinha.

O pintassilgo na gaiola se agitou, o canário pulou do poleiro para o bebedouro; tinha exatamente a cor das cortinas. Sua penugenzinha eriçada ardia da mesma maneira que as asas das cortinas, com reflexos roxos. Na cozinha reinava aquele inesquecível cheiro adocicado da comida em preparação. A senhora Fust suspirou: será necessário mudar, sem falta, a cômoda para o quarto... aliás haverá muitas mudanças... A pequena almofada com a inscrição bordada “Só um quarto de hora”, com rainhas-margaridas do outro lado, estava deitada pacificamente no sofá, como se tivesse fechado seus olhos, mas na verdade apertava-os de modo coquete e pérfido.

Nas prateleiras limpas brilhavam, como dizeres de guerra, os nomes dos produtos; os ramos de cerejeira subiam pela janela, e pelas portas semi-abertas do quarto ardiam poltronas de veludo. A senhora Fust afastou-se da janela e por acaso encontrou o olhar do marido. Ele estava pendurado na sala, na moldura com a faixa de luto, sempre igual, sempre bem apertado na cintura com seu cinturão de oficial. O seu rosto vistoso, nem gordo nem magro, enfeitado com bigodes (o falecido os acariciava com prazer!), os olhos bondosos, e finalmente a testa nobre. Fora sempre nobre, o capitão

Fust. Um instante a senhora Fust parecia perceber nos seus olhos uma censura, uma reprovação silenciosa e muda, mas era apenas ilusão. Os olhos a fitavam meigos, como sempre, talvez um pouco tristes. “Não!” resolveu a senhora Fust, e foi pela última vez que a indecisão a tentou, “um partido melhor, o próprio falecido não poderia desejar”...

Era um estranho e muito interessante ocorrer das circunstâncias.

Passava-se no ano doze no corredor do apartamento da senhora Fust; na porta do quarto que ela alugava, segundo o anúncio “Aos respeitáveis cavaleiros de idade bem colocados” estava pendendo um retângulo com letras góticas: “Coronel A. Markowsky e.d.”. O retângulo chegou a amarelecer, as letras góticas perderam sua cor, mas o coronel em disponibilidade A. Markowsky ainda habitava na casa da senhora Fust. Ele não se preocupara, nesse tempo todo, de modificar aquele título. Seus companheiros, atrevidos cavaleiros e fuzileiros, conquistaram títulos de engenheiros, doutores, esqueceram o passado como se este não tivesse existido. Tudo o que era antes, tinha para eles o valor de uma lembrança nebulosa, de qualquer coisa que nem valia uma reflexão. Eles viviam uma vida nova, inteiramente nova. O coronel Markowsky, no entanto, ainda agora, ouvindo de supetão um tiro, que não era nem mais nem menos do que o estalar da britadeira pneumática, empalidecia e parava. Ainda agora, encontrando um batalhão da milícia urbana com a banda e o indispensável burrinho, carregando um bombo, ele caminhava longamente atrás, não sabendo por que e para que, solitário no meio do

tumulto das crianças à procura de brinquedos luminosos e música arrebatadora.

Desde o primeiro ano da imigração, o coronel vivia na casa da senhora Fust, numa rua calma e respeitável, onde habitavam maiores reformados, generais retirados e viúvas de capitães. Por ironia do destino, a senhora Fust era viúva dum capitão de infantaria da antiga monarquia, o qual tombara numa das primeiras batalhas da grande guerra. Nas mesmas batalhas que também o coronel Markowsky honrara com sua valentia, lutando do lado inimigo. Ainda agora, aguçando a memória, o coronel via, como através de uma névoa, a fileira da cinzenta infantaria, conduzida em ataque de baionetas por um oficial de face concentrada e quase angelical. Naquela fileira penetrara, com um ousado ataque de cavalaria, conduzindo três esquadrões de dragões barbudos, naquele tempo ainda capitão de cavalaria, o fogoso Markowsky. Gritando de maneira selvagem “Hurrah!” cortava pela direita e pela esquerda os infantes cinzentos que fugiam como ratos. E, forçando a memória, o coronel Markowsky recordava nitidamente a pálida face do oficial que ele atingira com sua espada e que lembrava muito o retrato do marido de senhora Fust. Porém isso não se comentava... “E talvez... talvez, senhor coronel... ele caiu ferido por sua mão?” pronunciou timidamente a senhora Fust. “Senhora”, respondeu irritado o coronel, “vamos deixar essa conversa, porque ela fere minha honra de oficial”. Porque esta conversa feria sua honra de oficial, a senhora Fust não sabia explicar. Ficou pensativa, e assim aquela tarde inteira permaneceram sentados sem falar.

Os dias do coronel lembravam o cair lento da chuva do teto de colmos. Eram dias de grande espera. Pois Markowsky não duvidava nem por um minuto que iria receber a ordem de anexação a um exército ativo. Ele não lia outros jornais a não ser o "Arauto Militar", onde sempre escreviam sobre próximo tempo de guerra. O "Arauto Militar" mandava a seus leitores esperar com paciência, e eles esperavam. Esperava também o coronel Markowsky.

Cada dia ele se levantava às sete horas, raspava bem seu queixo, polia até um lustro ofuscante seus sapatos, tomava o café preparado pela senhora Fust, e caminhava até a "Sociedade Histórico-Militar". Honestos proprietários de lojas e restaurantes, na sua rua, sempre tiravam os cachimbos de suas bocas e amigavelmente acenavam-lhe bom-dia. Vendedores de leite, floristas e jornaleiros saíam-lhe do caminho e cochichavam algo entre si. O dono da tabacaria, entregando-lhe cada dia os cigarros indispensáveis, jamais esquecia de indagar pela saúde do senhor coronel. Parecia até que os castanheiros de ambos os lados da rua, dourados no outono e frondosos de florada na primavera, conheciam aquela figura no traje cinzento, forte como se esculpida em madeira, com sapatos bem polidos, a cabeça firmemente assentada na nuca sadia, com um chapéu um pouco inclinado, segundo a velha maneira dos combatentes.

O caminho até o "Instituto Histórico-Militar" era sempre o mesmo: da rua dos reformados até a praça, onde um dos reis fora colocado num pedestal de granito, da praça através do parque bem cuidado de árvores podadas até a outra praça, desta vez com um poeta de bronze, depois à direita ao longo

de uma rua reta como uma seta até um beco sem saída, plantado com acácias tristes. Na Sociedade, o coronel tinha obrigações de um “secretário insubstituível”, eleito unanimemente por um grupo de militares, velhos companheiros de armas. Lá ele se sentava numa cadeira cômoda com almofada, folheava registros dos membros da sociedade no mundo todo, lia suas cartas e respondia-as com espírito otimista, próprio aos combatentes. Perto do meio dia vinha o presidente da sociedade, um general esguio, rosadinho. Com ele, o coronel falava sempre de pé, e meia hora depois da conversa estava livre. Então, ia ao restaurante regional almoçar e fumar seu cigarro. Depois permitia-se a si mesmo uma ou duas partidas de xadrez com um tenente que ostentava princípios de calvície. O coronel respeitava muito este jogo por sua semelhança com o ofício da guerra, mas não jogava muito bem.

Depois disso, voltava para casa pelo mesmo caminho, folheava antigos anais dos “Arautos Militares” e exatamente às seis horas batia na porta da senhora Fust. Era o tempo de seu passeio comum. O passeio não durava nem pouco nem muito, realizava-se sempre no devido humor, um pouco alegre da parte do coronel e um pouco envergonhado da parte da senhora Fust. “Sabe a senhora”, brincava o coronel (fazendo com isso um rosto sério), “com que conquistou fama minha avó?” “Não, senhor coronel, não sei”, respondia um pouco sem jeito a senhora Fust. “Então saiba, senhora Fust”, o coronel parava e levantava solenemente o dedo: “minha avó conquistou fama pelo fato de fazer parar com seus joelhos um trem

expresso em plena carreira”. “Que coisa!” exclamava a senhora Fust, e o coronel ria com solenidade: “Eh, eh, eh”... Era uma grosseria da velha cavalaria, e a senhora Fust permitia-a com bom tato. Antes do entardecer, eles voltaram para uma ceia modesta, e tendo desejado um ao outro boa noite, separavam-se em direção a seus quartos.

“Ah, que bela alma, que alma brava”, sacudia sua cabeça e sorria a senhora Fust, lembrando justamente a anedota com a vovó que fazia parar o trem expresso com seus joelhos. “Em sua vida não há mancha alguma, um verdadeiro cavaleiro”...

E sem querer, o coração da senhora Fust batia como um pássaro preso. Hoje ela pretendia resolver um assunto urgente e há muito adiado. Nunca suas relações passaram do limite de uma cortesia costumeira, um conhecimento diário. Nunca, a qualquer um deles escapara qualquer palavra incauta, qualquer olhar furtivo. A senhora Fust amava por demais a memória do seu marido, o senhor coronel por demais respeitava aquele sentimento. No entanto, a senhora Fust estava certa de que ele a amava, como tinha certeza de que ele próprio não lhe era indiferente.

Há cinco anos, sua irmã a convidara a Viena e por pouco a teria casado com um bom sujeito honesto, proprietário de uma empresa produtora de fumo. A senhora Fust aludiu a isso ao coronel num cartão com a vista da catedral de santo Estevão.

Quando voltou, notou quão profundamente ele sofria, como emagrecera, como relaxara, como se alegrara em vê-la. E talvez... talvez fosse aquele o momento de decidir tudo, mas era tarde demais.

O coronel voltou a si, tirou sua mão da mão da senhora Fust, endireitou-se, pegou no seu chapéu e saiu quanto antes à rua. “Ah, que bela alma”, suspirou a senhora Fust, “que aristocrata, Deus meu, que aristocrata”...

Havia especialmente um dia no ano, uma noitinha, que os comovia. Era o aniversário da morte heróica do capitão Fust. Pela manhã, a senhora Fust ia ao cemitério, ficava lá cerca de duas horas toda concentrada, depois voltava com o rosto um pouco choroso e preparava-se para a noitinha. Então, os dois não iam passear. O coronel chegava vestido de preto e trazia-lhe um buquê de crisântemos (sempre um buquê de crisântemos), sentava na sala e calava. A recepção era modesta, mas dentro da medida, requintada. Falavam pouco. A senhora Fust segurava o lençinho junto dos olhos e sussurrava: “Senhor coronel, experimente disso, prove daquilo. O falecido apreciava tanto esses manjares”. Markowsky experimentava e degustava, depois pigarreava, limpava seus lábios com um lenço grande e principiava a contar:

“No dia 27 de agosto, minha senhora, nossa brigada foi transferida da Prússia Oriental até a Galícia. Eu conduzia o primeiro esquadrão, o príncipe Golizyn, o segundo”...

“Não é, senhor coronel”, interrompia-lhe a senhora Fust, “que a infantaria monárquico-imperial lutava como um leão?” O coronel era de outra opinião, mas por consideração à lembrança do seu marido que era capitão, afirmava a coragem leonina da infantaria monárquico-imperial.

Era uma tarde de recordações, de boas lembranças. A senhora Fust guardava o buquê dos cri-

sântemos tanto tempo quanto possível, e quando ele murchava, jamais o atirava no lixo. Esses cri-sântemos eram quase abençoados e duplamente abençoados: com respeito pelo marido e com um silencioso e tranqüilo sentimento de ambos. Era tão sentimental. Tão romântico. Tão aristocrático.

O que a senhora Fust pretendia realizar naquele dia, na noitinha jubilar das lembranças, há muito tempo tinha resolvido pensando e sofrendo. Ela pretendia aludir hoje ao coronel Markowsky sobre a possibilidade de unir seus dois destinos com laços mais fortes. Nisso não havia nada de ofensivo, embora fosse inconveniente uma mulher iniciar semelhante conversa. Mas o coronel era tão tímido, tão delicado, delicado até o ridículo. A senhora Fust estava certa de que ele nunca seria capaz de aludir a qualquer coisa parecida, pois temia uma recusa. Orgulho, grande orgulho. E não apenas orgulho... o coronel certamente receava que com a recusa iria perder a possibilidade de vê-la, de manter amizade com ela. Ele julgaria uma obrigação deixar sua casa. A senhora Fust conhecia-o por demais.

Havia ainda outra coisa que dava coragem à senhora Fust. Espantava esse pensamento, mas era assim. O coronel se achava em péssimas condições econômicas. Sem ela, estava praticamente na rua. O motivo era que devido a uma crise geral, a atividade da "Associação Histórico-Militar" fora limitada e depois ficara inteiramente impedida. Todos os seus funcionários foram despedidos. Mais dolorosamente sentia aquilo o coronel. Para ele, isto significava uma catástrofe terrível. Ficou evidente

que ele não prestava para nenhum trabalho, que nada sabia, de nada entendia. Veio a trabalhar numa construção, mas as ordens do mestre de obras tanto o exasperavam que quase ficou doente. Tentou estabelecer-se como corretor na redação, os seus olhos, no entanto, já eram fracos demais. Experimentou ficar de pé atrás das esteiras na fábrica, mas a direção lhe tirou todo seu salário por desleixo e incapacidade. Ora, quem nasceu para a guerra, nunca poderia trabalhar pacificamente. Também agora, o coronel estava desempregado. Suas finanças se achavam no ponto zero, ele recusou-se a si mesmo cigarros, golas limpas e sapatos engraxados. Há alguns meses já não pagava o aluguel da senhora Fust. Vendeu seu terno preto, levou os anais do "Arauto Militar" para o antiquário. Os proprietários de restaurantes não mais o saudavam, as floristas não sorriam mais, as crianças não corriam a seu encontro, sabendo que não ia mais trazer-lhes balas. Chegaram os maus tempos miseráveis.

Tudo aquilo a senhora Fust conhecia até as minúcias, apesar do coronel não trair com nenhuma palavra sua condição e jamais se queixar. Algumas vezes, ela suspirava junto da sua porta, sabendo que ele estava sentado lá com fome, mas não ousava propor-lhe uma ajuda. A senhora Fust possuía sua própria loja de tabaco, podia fornecer-lhe tantos cigarros quanto ele quisesse, mas a menor alusão a isso certamente teria levado o coronel ao suicídio. "É uma fera orgulhosa, excepcionalmente orgulhosa", pensava a senhora Fust, "é um verdadeiro, legítimo aristocrata"... E ela sonhara tanto em se casar com um aristocrata!

Há muito tempo desapareceu a mancha roxa do sol. Os lampiões lançavam faixas amarelas sobre as pequenas casas, e em cada uma delas respeitáveis habitantes em coletes estavam se sentando para cear. Suas gordas nucas vermelhas eram visíveis através das janelas. O pintassilgo dormia, o canário ainda se lavava, o relógio tique-taqueava. A senhora Fust, depois de ter tirado o seu avental e se embelezado junto do espelho, começou a preocupar-se. O coronel, de certo, se detinha em qualquer lugar. Ela sabia como lhe era penoso chegar hoje no seu velho terno cinzento. Precisaria esforçar-se muito para endireitar seus sapatos e conseguir um colarinho duro. O pior era com os crisântemos. Ela sabia quanto esforço lhe custara, ainda no ano passado, trazer aquele buquê tradicional. Sabia que por muito tempo antes ele se abstinha até daquela refeição miserável que comia, que alguns meses antes economizava nos cigarros e na lavanderia, só para não se mostrar mal agradecido. Este ano seria pior ainda. Não tinha o que economizar, pois nada havia. A senhora Fust suspirou: às vezes ser aristocrata era muito penoso...

O capitão tristemente a fitava da sua moldura. Também ele era um homem bravo, porém não da mesma maneira que o coronel. Ele não seria capaz de se sacrificar tanto só por um único princípio. E a senhora Fust percebeu como se lhe tornara distante aquele homem emoldurado. Ela não vivia mais com ele, no seu mundo. Ela já estava num mundo elevado de homens nobres, de almas cristalinas, ela mesma chegava a assemelhar-se a eles. E seus olhos, muito predispostos a chorar, começaram a umedecer-se. Sua vida presente era tão

poética, tão sentimental. Agitava-se: a juventude, belíssima, a perfumada juventude voltava novamente.

Mas o coronel não aparecia. Não ouvia seus passos. Detinha-se em qualquer parte. Inquieta, pois atrasar-se não era seu hábito, a senhora Fust endireitou seu vestido, saiu ao corredor e ficou parada diante da porta do coronel. Não ouvia ninguém. A senhora Fust bateu na porta e, não tendo recebido resposta, entrou no quarto.

Um vazio estranho veio como um bafo em sua direção. A pobre cama estava junto da parede, a mesa permanecia tristonha junto da janela. A senhora Fust sentou-se, desesperada, sobre a cama. Compreendeu que nunca mais iria rever o coronel. Compreendeu que ele não viera por não poder comprar-lhe crisântemos, e nunca mais viria. “Que aristocrata, meu Deus, que aristocrata”, atrás da janela estava a rua deserta, apenas os castanheiros copados, sussurrando algo bem baixinho, caminhavam na tranqüila noite de agosto.

Í N D I C E

Andrade Muricy	
PREFÁCIO	5
Boghdán Lepky	
O VELHINHO	11
Markó Tcheremchyna	
SÃO NICOLAU NA COLETORIA	19
Vassyl Stefanyk	
OS FILHOS	29
Mykháilo Kotsiubynsky	
NA ILHA	39
Volodymyr Vynnytchenko	
A FOME	69
Mykola Khvylovy	
O CAMINHO E A ANDORINHA	89
Oleksandr Dowjenko	
O DESCONHECIDO	97
Yury Yanowsky	
A CANOA NO MAR	101
Sofia Yablonska	
TEMPESTADE NOTURNA	113
Yury Kossatch	
UMA PEQUENA ESTÓRIA SENTIMENTAL	119

Composto e Impresso nas Oficinas da
Companhia Brasileira de Artes Gráficas
Rua Riachuelo, 128 — Rio, GB.

Printed in Brazil

